



Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

DOM GASPAR BARATA DE MENDONÇA:
UM MECENAS EM DOIS CONTINENTES (1676 – 1686)

Mestrado em História da Arte e Património

RICARDO PEREIRA MOREIRA

2022

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre, orientado por Professor Doutor Vítor Manuel Guimarães, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ficha Técnica:

Tipo de Trabalho	Dissertação de Mestrado da Universidade de Lisboa
Título	Dom Gaspar Barata de Mendonça: Um mecenas em dois Continentes (1676 – 1686)
Autor	Ricardo Pereira Moreira
Orientador	Professor Doutor Vítor Manuel Guimarães Veríssimo Serrão
Identificação do Curso	Mestrado em História da Arte e Património

“Abre esta costa do Brasil em treze graus da parte sul, uma boca, ou barra de três léguas, a qual, alargando-se proporcionalmente para dentro, faz uma baía tão formosa, larga e capaz, que por ser tal, deu o nome a cidade, chamada por antonomásia: Bahia.”

Padre António Vieira
Carta ao Geral da Companhia de Jesus - 1625

Resumo

A função de um pontífice, dentre diversas atividades, se resume numa máxima: A união. Afinal, um homem para alcançar tal denominação tem que ser uma ponte filosófica, intelectual e humanitária; unir povos e terras, sob a égide do seu conhecimento. Assim podemos definir Dom Gaspar Barata de Mendonça, um exímio orador, acadêmico de destaque em Coimbra, jurista exemplar, eclesiástico ímpar e um prelado que ao final da sua vida e último cargo que ocupou, brilhou como um pontífice notável entre dois continentes, unindo o Ribatejo em Portugal a São Salvador da Baía de Todos os Santos.

O período histórico trabalhado a seguir é demasiado imponente e importante tanto para Portugal, quanto para o mundo que ele estava a povoar. Trata do período de vida, estudos e atuação, jurídica e eclesiástica do Primeiro Arcebispo do Brasil. Período esse compreendido do seu nascimento em 1627 até sua morte em 1686. Dentre estes aproximados 60 anos em pleno século XVII, vigorava uma atmosfera pujante de descobrimentos e riquezas, regidas por uma Lisboa *Umbilicus Mundi*, onde o centro do mundo em termos comerciais, sociais, econômicos e culturais, estava concentrado na Metrópole portuguesa. Mesmo acometido por uma grave doença foi empossado por procuração em 3 de junho de 1677. Exerceu toda sua prelazia por meio de secretários. Nunca pisou em solo Baiano. Deixou o cargo em 1681, quando por real conhecimento da sua debilidade.

Palavras Chaves: Arcebispado da Baía; mecenas; Dom Gaspar.

Abstract

The role of a pontiff, among several activities, is summed up in a maxim: Unity. After all, a man to achieve such a denomination has to be a philosophical, intellectual and humanitarian bridge; uniting peoples and lands, under the aegis of their knowledge. This is how we can define Dom Gaspar Barata de Mendonça, an excellent speaker, an outstanding academic in Coimbra, an exemplary jurist, a unique ecclesiastical and a prelate who at the end of his life and the last position he held, shone as a notable pontiff between two continents, uniting the Ribatejo in Portugal to São Salvador da Bahia de Todos os Santos.

The historical period worked on below is too imposing and important for both Portugal and the world it was populating. It deals with the period of life, studies and activities, legal and ecclesiastical of the First Archbishop of Brazil. This period included from his birth in 1627 until his death in 1686. Among these approximately 60 years in the middle of the 17th century, there was a vigorous atmosphere of discoveries and wealth, governed by a Lisbon Umbilicus Mundi, where the center of the world in commercial, social terms, economic and cultural, was concentrated in the Portuguese metropolis. Even though he suffered from a serious illness, he was sworn in by proxy on June 3, 1677. He exercised his entire prelature through secretaries. He never set foot on Bahian soil. He left office in 1681, when due to real knowledge of his weakness.

Key words: Archbishopric of Baía; patron; Dom Gaspar

Índice

Resumo.....	4
Abstract.....	5
Agradecimentos.....	8
Nota Introdutória.....	9
Capítulo I: As Bases da Administração Arquidiocesana Ultramar – Primeira Arquidiocese do Brasil – Cidade do Salvador.....	13
1.1 - O Padroado Português e a Catequese no Brasil.....	13
1.2 - O Bispo Português – Um Agente Eclesiástico X Cristandade Colonial	16
1.3 - O Arcebispado da Baía e a Execução do Concílio de Trento.....	19
Capítulo II: O Primeiro Arcebispo do Brasil (1676 - 1682)	23
2.1 - Dom Gaspar Barata de Mendonça (Lisboa, 1627 – Sardoal, 1686)	23
2.2 - Uma Identidade Visual Desconhecida.....	29
Capítulo III: Relações com o Ribatejo.....	32
3.1 – Ribatejo: O Sardoal e seu hibridismo cultural.....	32
3.2 – Influências do arcebispo no Sardoal.....	35
3.3 – Casa Grande/ Casarão dos Almeidas/ Palacete do Bispo.....	36
3.4 – Capela Nossa Senhora do Carmo.....	38
3.5 – Convento Santa Maria da Caridade.....	39
3.6 – Capela da Lapa-Arcez.....	43
Capítulo IV: Relações com a Baía.....	47
4.1 – Baía: Cidade do Salvador.....	47
4.2 – Influências do arcebispo em sua arquidiocese.....	48
4.3 – Vigairaria de São Pedro Velho Extramuros.....	49
4.4 – Convento Santa Clara do Desterro.....	51
4.5 – Vigairaria Santo Amaro de Itaparica - Catu	53

4.6 – Vigairaria de Santo António de Jacobina Velha.....	54
4.7 – Vigairaria de Santo António de Vila Nova do Rio S. Francisco.....	55
4.8 – Vigairaria de Santo António e Almas.....	56
4.9 – Vigairaria de Nossa Senhora da Piedade - Villa do Lagarto.....	58
Considerações Finais	60
Índice de Ilustrações	63
Apêndice I: Dom Gaspar Barata de Mendonça.....	64
Apêndice II: Mecenas e Ligações com o Sardoal	71
Apêndice III: Baía: Cidade do Salvador e adjacências	84
Siglas de Instituições	92
Abreviaturas.....	92
Fontes Manuscritas.....	93
Fontes Impressas.....	95
Bibliografia	96
Fontes <i>On-Line</i>	104

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos que contribuíram com a elaboração deste trabalho. Desde a gestação embrionária das primeiras ideias na casa paroquial da Vila do Sardoal, na qual se tornou base de operações da equipa Signinum – Gestão do Património Cultural, ao intervirmos no restauro da capela Nossa Senhora do Carmo; equipa essa que se transformou em família e me acolheu com toda cordialidade e respeito, com ênfase a Joana Martins, Cristina Cavalheiro e Marco Costa.

A todos os funcionários da Câmara, Biblioteca e Santa Casa de Misericórdia do Sardoal; por toda compreensão, apoio, apreço e auxílio, em especial a J. Francisco de Jesus Carola pela confiança ao aceder os arquivos e patrimónios da Misericórdia.

No campus da Universidade de Lisboa o apoio maravilhoso destes doutores que moldaram e despertaram meu olhar a outras esferas no campo da história da arte e património. Com ênfase especial aos Professores Doutores Teresa Leonor Vale, Vítor Serrão e Maria João Neto; eterna gratidão. Em Coimbra o firme apoio do Professor Doutor José Pedro Paiva. Em Montemor-O-Velho Lina o apoio incondicional das amigas Doutora Lina Madeira e Ânia Chasqueira.

Do outro lado do Atlântico a todos membros e colaboradores dos arquivos, bibliotecas e universidades que passei. Principalmente a atenção do Professor Doutor Cândido da Costa e suas memoráveis orientações adentro do arquivo arquiocesano da Cidade do Salvador.

Com grifo um agradecimento mais que especial a Tailana e Francisco Janoski, que percorreram de leste a oeste ao meu lado!

1 – Nota Introdutória

A elevação da cidade de São Salvador da Baía em 16 de novembro de 1676, a sede do primeiro arcebispado das Américas, denota uma conjuntura ímpar e revolucionária no sentido epistemológico do termo. Realmente foi uma grande transformação administrativa e social a categoria de Primeira Arquidiocese do Brasil; tanto quanto foi reafirmado e conferido em 25 de outubro de 1680, 304 anos após a elevação, a digna honra de Sede Primacial de todas as igrejas da nação com o Decreto da Sagrada Congregação para os Bispos¹.

O recorte que compreende tempo e espaço de 1676 a 1686 deve-se ao período de nomeação ao dignitário cargo de Arcebispo, sua abdicação a tal posição em 1681, encerrando com sua morte em 1686. A análise histórica artística primorosa deve-se aos Professores Doutor Vítor Manuel Veríssimo Serrão² e sua perspicácia a apresentar a manifestação da Pintura Maneirista em Portugal (desde que a investigação e interrogação desta Tese, têm por ponto de partida, a apreciação das telas maneiristas de propriedade da Santa Casa de Misericórdia do Sardoal); a análise histórica inspiradora a tal recorte deriva do Professor Doutor José Pedro Paiva³. O pesquisador e autor debruçou de forma ímpar as questões referidas aos bispos e administradores diocesanos ultramarinos; destacando as habilidades intelectuais dos bispos escolhidos em forte seleção, para um desdobramento do sistema religioso do Padroado Português.

O desenvolvimento deste trabalho acadêmico tem a função, além de mostrar biograficamente, quem foi esse jurista que atuou como “Juiz de Fora” em Tomar, e que deixou a carreira profissional das leis; recolheu-se num mundo eclesiástico bucólico e galgou degraus no clero português, chegando ao posto de Primeiro Arcebispo do Brasil. Mostrar o contexto histórico cultural em que estava envolvida a Vila do Sardoal e ao mesmo enalce a cidade do Salvador da Baía em meados da última metade do século XVII. Não somente desvendar a figura biográfica e seus feitos (tanto em Portugal quanto no império) é debruçar sobre o padroado português e uma das figuras chave desta função social, política e religiosa que é um Bispo. O poder de enquadrar, perceber e entender o efetivo empenho e desempenho que

¹ KRIEGER, D. Murilo Sebastião Ramos. *Documentos de fundação e outros registros da Arquidiocese de São Salvador da Bahia – Sede Primacial do Brasil*. Salvador: Editora UCSalpress; Universidade Católica do Salvador, 2019. Pag. 71

² SERRÃO, Vítor. *História da Arte em Portugal: O Maneirismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

³ PAIVA, José Pedro. *Os Bispos de Portugal e do Império (1495 – 1777)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

protagonizava o governo na diocese específica de São Salvador, administrada a tantos quilômetros de distância, no Ribatejo.

Desvendar os passos desta figura tão enigmática para o Ribatejo e ao mesmo tempo para Cidade do Salvador. Desde primeiros contatos com seu palácio arquiépiscopal, localizado no Sardoal foi uma desafiadora jornada entre a Biblioteca Nacional Portuguesa, na qual descortinou os primeiros traços biográficos concretos; a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a comprovação do seu cânone; ao passar pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo, demonstrando a relação do arcebispo com o Convento da Caridade; Arquivo Ultramarino e suas cartas com o Rei Pedro II; ao cruzar o oceano atlântico e deparar com o arquivo da arquidiocese de São Salvador, LEV – Laboratório Eugênio Veiga; acesso a cartas régias sobre o tempo proposto, localizadas no Arquivo Público do Estado da Bahia e finalizando com diversas bibliotecas de Ordens como da Província Nossa Senhora da Piedade dos Capuchinos de Salvador.

Ao estudar a estruturação hierárquica e o poder da Igreja Católica no Brasil, deparei-me com grandes dificuldades, com a escassa produção intelectual sobre a administração e atuação eclesiástica nos primeiros tempos do arcebispado. Nesse sentido grifo Arlindo Rubert com sua esmiuçada obra *A Igreja no Brasil*⁴. Fundamentais são os ensaios de Eduardo Hoornaert⁵ e Riolando Azzi⁶, demonstrando de forma sistemática a administração do Padroado Português, a história geral da Igreja na América Latina, e as publicações ligadas à história da Igreja no Brasil.

O desenvolver desta pesquisa foca sobre a Vila do Sardoal: o que este mecenas proporcionou diretamente ao local, financiou e modificou, na paisagem arquitetônica e histórica da Vila e arredores. Em contrapartida, ao mesmo tempo histórico, investigar a fundação de paróquias, conventos e freguesias na Cidade do Salvador, decretadas por Dom Gaspar Barata de Mendonça e observar o rigor artístico, execução e indicativos do mecenato deste Arcebispo em questão. Para auxiliar na resolução destas questões, estruturou-se este estudo em quatro capítulos. O primeiro capítulo trata as bases da administração arquidiocesana ultramarina no Brasil colonial; essa função combinada no misto de religião, poder político,

⁴ RUBERT, Arlindo. *A Igreja no Brasil. Expansão Missionária e Hierárquica (Século XVII)* Vol. II. Santa Maria, RS: Ed. Pallotti, 1981-1993.

⁵ HOORNAERT, Eduardo, *A Igreja no Brasil-Colônia: 1550-1800*, Vol. XLV, 2ª ed. Editora Brasiliense, 1984.

⁶ AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia, 1551-2001*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2001.

interferência social, rentabilidade e cultura; principalmente o triunfo do Concílio de Trento na persona do Bispo como um agente da Coroa em nome da fé, com a arte e religião entrelaçadas.

O segundo capítulo trata exclusivamente da biografia do Arcebispo. Para muitas esferas uma grande interrogação, o seu semblante físico desconhecido, como é o caso da Vila do Sardoal, um dos seus filhos ilustres, mas sem alguma referência da sua imagem. Para além-mar, uma figura que não efetivou seu título e pastoreou seu rebanho; administrou, mas não pisou em terras baianas. Nas pouquíssimas publicações brasileiras sobre Dom Gaspar Barata de Mendonça é intitulado com o epíteto: “O Ausente”⁷. Descobrimos um arcebispo que se esforçou para edificar sua arquidiocese e como sua devoção mariana e franciscana guiou a fundação de vigairarias e o fervor aos cultos de Santo António (presente em quase todas suas fundações) e Marianos como Caridade, Piedade e Lapa.

O terceiro e quarto capítulos tratam dos feitos e influências de Dom Gaspar Barata de Mendonça. Ao detalhar todos esses feitos no campo artístico e arquitetônico é elencado de forma cronológica por registro encontrado; tanto em Portugal, quanto no Brasil. Neste processo de reconstrução, o nome de indivíduos envolvidos e suas carreiras foram terminantemente indispensáveis para descrever e detectar as múltiplas e variadas relações.

O terceiro capítulo envolve o Sardoal e toda influência que Dom Gaspar Barata de Mendonça e família exerceram na Vila, principalmente o patrimônio que abrange a rua Luís de Camões que liga o Palacete/Capela até ao Convento da Caridade. O quarto capítulo abraça uma extensão territorial entre a sede oficial do arcebispado – Cidade do Salvador até seus registros mais distantes, que englobam localidades com distâncias de aproximadamente 400 a 500 Km; uma vasta área geográfica de atuação, que por sinal administrada de outro continente por mandatários de alta confiança. Um dos grandes destaques é a administração da tesouraria mor arquiépiscopal, designada ao que virá a ser o famoso poeta e dramaturgo Gregório de Matos Guerra⁸, com sua temida alcunha de “Boca do Inferno” e suas ácidas sátiras contra o clero que ele mesmo serviu. Período histórico brasileiro marcado, pós investidas e invasões holandesas na região nordeste, assinalando assim uma necessidade de afirmação e presença da coroa portuguesa em seu território, concretizado pela mesa eclesiástica da nova arquidiocese.

A metodologia utilizada é baseada na pesquisa bibliográfica, visando restringir ao máximo os efeitos das distorções e lendas, que foram sobrepostas ao logos dos tempos,

⁷ MAGALHÃES, Mons. Walter. *Pastores da Bahia 450 anos 1551 a 2001*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2001.

⁸ SILVA, João Manoel Pereira da. *Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Paris: Imprensa de Henrique Plon, 1858.

englobando a vida e obra do Primeiro Arcebispo do Brasil, as fundações arquidiocesanas do Brasil, as primeiras constituições do arcebispado da Bahia, a história da Vila do Sardoal e principalmente suas conexões com o Convento de Nossa Senhora da Caridade, localizado na mesma Vila em questão. Enriquecida com fotografias específicas, sobre a iconografia indígena remetida ao Brasil, que faz o intercâmbio cultural entre Dom Gaspar Barata de Mendonça e sua identidade artística e visual promovida por um Bispo que, visivelmente em suas promoções, projetou a arte como forma de pastorear e evangelizar.

Com cunho informativo e para maiores esclarecimentos, cito que a formatação da ortografia utilizada neste trabalho corresponde às normas apresentadas pelo novo acordo ortográfico da língua portuguesa, para facilitar a leitura. No entanto, tentou-se respeitar as citações do século XX, conforme as normas portuguesas, e de cada século como tal. Tomou-se esta decisão em virtude da dificuldade de se trabalhar com ortografias de uma mesma língua com padrões diferentes.

Capítulo I

As Bases da Administração Arquidiocesana Ultramar – Primeira Arquidiocese do Brasil – Cidade do Salvador

1.1 – O Padroado Português e a Catequese no Brasil

O padroado dos Reis de Portugal é remetido dentro do contexto histórico medieval, como uma fusão religiosa, social e econômica. Foi uma forma típica de compromisso entre a Igreja de Roma e Governo de Portugal; unindo direitos políticos da realeza e os títulos de Grão-Mestre das Ordens Religiosas, por concessão da Santa Sé. Desta forma, os monarcas portugueses passaram a exercer ao mesmo tempo uma administração civil e um regime espiritual sobre seus súditos. Neste âmbito, Neves⁹ indica:

Em Portugal, o próprio rei adquiriu o direito do padroado no contexto das guerras de reconquista travadas entre cristãos e árabes pelo domínio da península Ibérica, e passou a propor a criação de dioceses e escolher os bispos, apresentando-os ao papa para confirmação. Além do padroado, o monarca dispunha do direito do beneplácito, que determinava a submissão das normas e determinações papais à aprovação real.

A arrecadação do dízimo é um sistema medieval de coleta para sustento do culto e dos seus ministros. A partir do século XVI, a coleta desta doação nos territórios portugueses é direcionada a administração do Grão-Mestre da Ordem de Cristo, ou seja, o Rei de Portugal. Ele obrigatoriamente deveria zelar pelos bens materiais e etéreos da metrópole e suas colônias. Além disso, cabia ao monarca a apresentação dos nomes dos escolhidos para ocupar o governo das dioceses, arquidioceses, paróquias e outros cargos eclesiásticos, construção e conservação dos edifícios da Fé Cristã e promover o exercício e expansão dos mesmos. Em suma, o Rei era um delegado pontifício entre império português e Santa Sé; ao Papa cabia à confirmação das atividades religiosas e a expedição de bulas a oficializar tais atividades. Segundo Duarte¹⁰:

⁹ NEVES, Guilherme Pereira das. *Padroado*. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 466-467.

¹⁰ DUARTE, Nestor. *A ordem privada e a organização política nacional*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966, p.9.

Confirmado o Concílio de Trento em 1565, Pio IV mandou que se observasse: Muitas nações se recusaram a aceitar a parte disciplinar, porque viam ali a reminiscência de máximas ultramontanas e do temido prestígio pontifício sobre os governos civis. Alguns príncipes o admitiram com restrições. O cardeal D. Henrique, que não fazia como reinante, o mandou observar sem limitação alguma. D. Sebastião, o novo Rei, não só ratificou o ato de D. Henrique, como mandou aos bispos exercerem a autoridade que o concílio novamente lhes dava, ainda que fosse com prejuízo da jurisdição real.

Com a soma deste contexto é plausível afirmar que o Padroado Português é a origem da interferência do poder civil no poder religioso, numa fusão que vem a consolidar a administração e expansão das terras brasileiras, partindo pela cidade Do Salvador. Ressalta-se que durante o período colonial, tais concessões foram feitas livremente pelos Papas aos Reis de Portugal.

As preocupações da administração portuguesa eram pautadas no seguinte pressuposto: alargar as fronteiras da fé e do império. Como esclarece Lima¹¹:

“Entretanto, há que se referir que, uma vez Colônia, os fatos, as disposições, os acontecimentos, as novas alianças e tudo o mais que tenha a ver com as estratégias dos portugueses para dominar (ou às vezes para não sucumbir) no seu território novo, promove-lhe modificações muito profundas”.

Os primeiros documentos evidenciam essa preocupação com a religião católica dos Reis Portugueses. Na carta de descobrimento da Terra de Vera Cruz, Pero Vaz de Caminha dita a Dom Manuel I, apresentada por Cortesão¹²: “Contudo, o melhor que dela se pode tirar parece-me que será salvar essa gente. E essa deve ser a principal semente que Vossa Alteza a ela deve lançar”.

A primeira “constituição” brasileira dar-se-á sob a administração de Tomé de Sousa e sob a regência de Dom João III em 17 de dezembro de 1548, quando o próprio El-Rey deixa muitíssimo claro a conversão destes povos à Santa Fé Católica e recomenda aos capitães e oficiais que a pratiquem da melhor maneira que isso possa ser. Assim automaticamente o Rei de Portugal assume nitidamente o papel de chefe religioso do Brasil, a catequese é colocada

¹¹ LIMA, Matheus Silveira. *Portugal e o Iberismo no pensamento brasileiro*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014, p.141.

¹² CORTESÃO, J. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.

como obra fundamental para justificar a expansão e a evangelização da nova terra. Desta maneira, segundo Lima¹³: “A forma como o papel da Igreja sempre foi avultada em Portugal, especialmente se levarmos em comparação com as demais nações europeias”.

Coube a Dom João III a criação das primeiras paróquias do Brasil, e em carta citada por Azzi¹⁴, de 31 de julho de 1550, escrevia El-Rey ao Papa Júlio III que, queria novamente criar em Sé Catedral a igreja que se chama Salvador na Cidade outrossim Salvador.

A 25 de fevereiro de 1551, o Papa Júlio III emite a Bula *Super Specula Militantis Ecclesiae*¹⁵, que declara a certidão de nascimento da diocese primaz do Brasil. Além de automaticamente se desvincular da diocese do Funchal, estabelece os limites territoriais e determina que a cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos será sua sede. Ela é parte da província eclesiástica de Lisboa e tem a sede de São Salvador da Bahia como catedral. Como bispo primaz do Brasil é nomeado um sacerdote da diocese eborense, Dom Pedro Fernandes Sardinha.

Dentre os 125 anos correspondentes à criação da diocese de Salvador, entre 1551 até 1676, data da elevação à arquidiocese, passaram oito bispos de renome ímpar e memoráveis registros para edificação e consolidação da diocese do Salvador. Havia, contudo, a necessidade da criação de novos bispados, especialmente para haver uma Igreja metropolitana dada ao tamanho territorial da colônia e à distância com a metrópole em Lisboa.

São Salvador deixa de ser uma diocese sufragânea e passa a ser uma Sé Arquiepiscopal. Seu Arcebispo torna-se uma figura icônica, e que ainda hoje é uma lacuna nas páginas da história, que administraria uma influência e um patrimônio que estava em construção, como explica Hoornaert¹⁶:

Os patrimônios religiosos coloniais ocupavam importantes espaços tanto nas vilas – nas quais o “patrimônio dos Santos” constituía normalmente o núcleo primordial do povoamento – como no interior onde as terras “dos santos”, constituíam um acesso celestial.

Cabe ressaltar a importância não apenas espiritual da criação de uma freguesia ou vigairaria. Edificar estruturas administrativas e principalmente a construção física de uma igreja matriz, simbolizava uma luz de administração e promoção social, era o primeiro passo

¹³ Lima, Matheus Silveira. *op. cit.*, p.140.

¹⁴ AZZI, Riolando. *A Instituição Eclesiástica Durante a Primeira Época Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 166.

¹⁵ KRIEGER, D. Murilo Sebastião Ramos. *op. cit.*, p. 15.

¹⁶ HOORNAERT, Eduardo. *op.cit.*, p.15.

para uma posterior elevação a outras categorias municipais. Uma vigairaria era um centro de registros, batistérios, casamentos, óbitos e uma forma de contato com a evangelização que vigorava à época, através do culto divino com manifestações artísticas sacras através da pintura, talha, música, etc.

1.2 – O Bispo Português – Um agente eclesiástico X Cristandade colonial

A elevação a Arquidiocese Metropolitana é o primeiro traço histórico da independência da metrópole administrativa. A persona do arcebispo primaz é um signo de poderes, como especifica Paiva¹⁷:

O poder episcopal era de uma tríplice natureza: Ordem, jurisdição e magistério. O poder de *ministerium*, ou de ordem, corresponde às faculdades sacramentais e penitenciais que detinha; o poder *imperium* significa a possibilidade de legislar, julgar e condenar nos seus territórios, competência que exercia quer sobre o clero, quer sobre os fiéis; o poder de *magisterium* implicava responsabilidades no ensino e catequização dos fiéis e ainda na erradicação dos erros de doutrina.

Em suma, a figura de um bispo resume qualidades políticas, associadas à estima social, econômica e cultural. Neste viés cultural, muitos se destacavam pela sabedoria pessoal no campus das teologias, direitos canônico-civis, história, literatura e artes, dotes intelectuais imprescindíveis, alinhados com as exigências conciliares vigoradas em Trento. Ainda de acordo com Paiva¹⁸:

Para além de terem desempenhado um notável papel no patrocínio da arte, na edição de livros, na transformação dos espaços urbanos abrindo ruas, edificando magnificas catedrais e palácios, embelezando fontes, erigindo estátuas, etc.

Contrapartida a essa escolha mister, existia uma preocupação para “romanização” da cristandade brasileira; esse agente eclesiástico deveria suprir a falta do espírito “Romano” na colônia. A religiosidade colonial brasileira era tachada por uma cristandade formada por pretos,

¹⁷ PAIVA, José Pedro. *op. cit.*, p. 8 e 9.

¹⁸ PAIVA, José Pedro. *op. cit.*, p. 10.

mulatos, mestiços que em sua grande parte exprimiam de maneira própria, irredutível ao modelo europeu.

Outro ponto dessa expressão da cristandade colonial expressa um catolicismo escravista, conseqüente da aceitação da economia colonial e estrutural mercantilista que tinha o sistema escravo como força e engrenagem motriz; consagrava assim uma não-fraternidade flagrante da doutrina moral, da vida sacramental, do sistema de clérigos, todos os pontos de uma teologia cristã são redesenhados a uma “cristandade colonial” que esse Arcebispo tinha que administrar e catequisar.

A chaga desta não romanização colonial brasileira foi silenciada pelos altos dignatários por cada passo da história. Na qualidade de Grão Mestre da Ordem de Cristo para exigir os dízimos do Brasil, que era a verdadeira renda até à exploração sistemática da Cana, Ouro, Café; Igrejas, Conventos, Aldeamentos como verdadeiros termos de posse, indicava a criação de bispados e estruturas eclesiásticas. Assim o regime colonial, mal estruturado burocraticamente, se valia da Igreja para certificar todo aparato estrutural administrativo: posses de terra, nascimentos, casamentos, óbitos, catequese e principalmente a segurança do direito divino do império português.

Cada cultura humana concretiza e atualiza a todos os instantes os condicionamentos econômicos, políticos, sociais e antropológicos que marcam a existência humana, desta forma nenhuma história da Igreja pode desprezar o estudo da realidade cultural. Não podemos pensar na implementação de bispados, arcebispos, conventos e outras obras religiosas sem nos debruçarmos sobre a realidade que encontravam os padres, bispos e figuras eminentes do clero, neste recorte histórico. Para Hoornaert¹⁹,

Tudo se traduz e se exprime em termos de cultura. Quem quiser estudar história da igreja tem que contemplar atentamente essa cultura, procurar penetrar nela, pois ela constitui o ambiente em que atua a mensagem cristã.

O que caracteriza a formação das áreas culturais no Brasil é que elas foram projetadas sobre áreas de bases culturais indígenas e com soma cultural africana. Essa forte presença indígena foi um traço que grifou de forma muito expressiva a coletânea de ícones e símbolos (trataremos à frente) que Dom Gaspar Barata de Mendonça demonstrou durante sua administração. O uso destes símbolos é o reflexo de uma sociedade de espelhos como disse

¹⁹ HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil – Tomo II*. Ed. Vozes. Petrópolis, 1977, p. 265.

Roger Chartier²⁰, numa sociedade que modelos de cardeais, bispos e padres espelhavam comportamentos, sociedade esta que o Estado se afirmava estrategicamente no discurso dos sinais e cerimônias; o arcebispo era uma peça chave deste tabuleiro de influências e reflexos de um bom pastor.

O discurso do bispo em um arquétipo, e uma dessas características administrativas ser a política é precisamente colocada por Paiva²¹ quando diz:

A linha da literatura de feição mais teológica e até devota que se desenvolvera a partir de Trento, na qual os aspectos da espiritualidade – fundada na recuperação das tradições da Igreja primitiva e da patrística – tinha de certo modo suplantado ou, pelo menos, servido como pano de fundo inspirador a dimensão governativa dos bispos, cedeu lugar, definitivamente em meados do século XVII, a tratados de vertente canônica, mais preocupados com a autoridade episcopal.

Na cristandade colonial brasileira havia dois lugares distintos: o clero e o povo; a situação de análise é o posicionamento dos clérigos sobre o povo e a respectiva execução da autoridade episcopal acima citado. No decorrer do processo de evangelização do Brasil, o próprio Concílio de Trento foi usado para confirmar essa visão dos mais esclarecidos: uma distinção do clero, uma elite de conhecimento e o povo, como uma massa de menor ou nenhum conhecimento. Assim o pensamento de Silva²², justifica que plenamente a relação dos estudos do homem versus Igreja.

Atividades dos homens e da igreja, se dão ao longo da história e em certo contexto. Sem considerarmos a historicidade dos homens e das instituições por elas criadas, nossas ações estarão condenadas, senão ao esquecimento, mas ao fracasso.

A evangelização surge como um instrumento de ação de um dominante sobre o dominado; a propagação da fé, na linguagem da época, significava realmente uma extensão religiosa, não tanto um diálogo entre culturas na procura da verdade. Desta forma, o Concílio

²⁰ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand, 1990. p.215.

²¹ PAIVA, José Pedro. *op. cit.*, p. 147.

²² SILVA, Severino Vicente da. *Uma Leitura de Paróquia e Comunidade no Brasil – Perspectiva Histórica* – Fernando Londoño (org.). São Paulo, 1987. In: CLIO – Revista do PPGH da UFPE. Nº 17. Recife, UFPE, 1998. p. 151.

de Trento entendia a formação da Igreja como expansão do sistema pelas paróquias ou pelas missões.

1.3 – O Arcebispado da Baía e a Execução do Concílio de Trento

A escolha de um arcebispo primacial do Brasil pelo Padroado Português foi de exímia minúcia para exercer tal magna função. Além do crivo imposto pelo Concílio de Trento, muito bem determinado pelo Cardeal – Dom Henrique, que segundo Flexor²³,

Todos obedeciam à sessão XXV, do Concílio de Trento, exortando aos congregados das igrejas a observar tudo o que se havia disposto, fazendo, para isso, profissão de fé. Essa sessão reafirmou ou deu origem às devoções, formas de representação, de religiosidade e comportamentos e, especialmente, todas as expressões nas artes – como decoração e iconografia, apregoadas e adotadas a partir desse Concílio – na arquitetura, escultura, talha, pintura, ourivesaria, mobiliário, azulejaria, afresco, entre outras realizações.

Assim, unir um agente eclesiástico, que soma serviços pastorais, administrativos um mote de conhecimentos sobre arte e religião mais a execução aos moldes do Concílio Tridentino. Para o Brasil, foram feitas as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, como uma grande defasagem em relação à mesma natureza Lusitana da Metrópole e seu domínio, principalmente, quanto ao Concílio de Trento (1545-1563). Assim as palavras de Murilo Marx²⁴ se adequam na gênese das determinações eclesiásticas coloniais:

Desde o surgimento – e a partir da própria gênese dos núcleos – os assentamentos coloniais expressam as precisas determinações eclesiásticas, não contrapostas ou sequer canalizada por instrumentos equivalentes do poder temporal, mas aceitas pela importação dos costumes e das práticas do reino.

Devia haver um exemplar das Constituições na Sé Catedral, Cabido do Arcebispado, igrejas paroquiais, curadorias e na Relação Eclesiástica para uso dos vigários da vara,

²³ FLEXOR, M.H.O. *O Concílio de Trento e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: “programa” da arte sacra no Brasil*. In: HERNÁNDEZ, M.H.O. LINS, E.Á., eds. *Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p 207.

²⁴ MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de Quem?* São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1991.

advogados, meirinho geral, escrivão da Câmara Eclesiástica e visitantes comprados às custas da fábrica das igrejas. Desde que aprovadas e publicadas, as determinações das Constituições deveriam ser lidas publicamente, em especial nas missas, para que os fiéis tivessem conhecimento de seu conteúdo, o que, de um lado, deu instrumentos legais à Inquisição e, do outro, uniformizou os procedimentos lusos, tanto nas instituições religiosas portuguesas, quanto em suas conquistas, no Ocidente e no Oriente. Até que as Constituições baianas fossem elaboradas, impressas e divulgadas, a Bahia e o Brasil se serviram das Constituições de Lisboa²⁵.

Regidos pelas aspirações vindas de Lisboa, chegou na Bahia uma inspiração de campanha contrareformista, com todo empoderamento dado pela Igreja no comando da arte religiosa, com todo fervor para evangelizar, catequisar e expurgar ideais protestantes. Assim a alta produção destinada ao culto deu vasta forma a solenidade e alta eficiência nos resultados de produção das artes. Como diz Serrão²⁶:

É por estes aspectos que as normas tridentinas no campo da arte sacra foram tão marcantes em Portugal (mesmo antes de as directrizes conciliares terem sido aceites como lei do reino, na regência do cardeal D. Henrique, por decreto de 12 de setembro de 1564). De facto, tiveram ressonância em todo o mundo português, ainda que a penetração da doutrina protestante não fosse significativa. No caso português, foram alvo de vigilância maior os cristãos-novos, alegadamente envolvidos em actos de iconoclastia anti-católica, e determinados círculos de resistência do humanismo de inspiração erasmiana, mais atreitos a uma tradição de liberdade que os novos ventos inquisitoriais desaconselhavam.

Com toda inspiração para produção sacra, somada ao impulso da expansão do arcebispado, reflete diretamente na formação de capelanias, igrejas e conventos. A construção de igrejas no Brasil português partia de um poder central para uma comoção popular; fonte do padroado que distribuindo poder, marcando territórios sob uma inspiração do império romano e edificando templos em todas suas regiões administrativas.

²⁵ Entre 1533 e 1551, a Bahia esteve ligada à Arquidiocese de Funchal. Sendo esta extinta nessa data, criou-se a Diocese de São Salvador da Bahia, sufragânea à Sé de Lisboa, nesse mesmo ano de 1551. Assim permaneceu até ser elevada à Sede Metropolitana e Primacial do Brasil, em 1676, sem contar ainda com suas Constituições próprias; então regidas por Dom Gaspar Barata de Mendonça sob auspícios das constituições de Lisboa.

²⁶ SERRÃO, Vitor. *Impactos do Concílio de Trento Na Arte Portuguesa Entre o Maneirismo e o Barroco (1563 – 1750)*. Actas do Seminário no âmbito das comemorações dos 450 anos sobre a clausura do Concílio de Trento, 1563-2013 – Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2012.

Nada mais tridentino na América portuguesa que o esteticismo barroco. Essa estética da sedução da salvação substitui a contemplação de Deus no próximo e passa a contemplar Deus *in loco*, dentro do templo; esse é um grande ensejo da Igreja colonial e sua densa relação com a arte sacra Conciliar, aos moldes de Trento. Essa expressão operou como uma real sedução pela exterioridade de sua beleza imponente e impressionante, que dispersa e distrai a atenção e praticamente impossibilita o encontro com a auto reflexão.

Principalmente com a Bahia, toda relação da história da Igreja com o barroco (mesmo que seja um barroco tardio) foi mantido pela representação teatral na arquitetura, pintura e talha dourada a fim de vislumbrar o espectador as cenas que aí se desenrolavam. O caráter que até hoje impressiona a quem visita uma igreja colonial portuguesa em que o contemplar é inebriado por uma sedução divinal e artística.

Mais um quesito que envolve diretamente o arcebispado da Bahia, o padroado, Concílio de Trento é a sacralização da esmola dada aos pobres e sua quase assimilação com a virtude da caridade. Assim, essa esmola sacra criou uma imagem paternalista e alimentou a prática de dar esmolas, conciliado ao praticar a caridade. A instituição que chancelou essa paternal caridade foi a Santa Casa de Misericórdia.

Dentro de todo esse contexto proposto a combater a reforma protestante, surge em Portugal e influencia o clero nos finais do século XVII, movimentos de nova espiritualidade e oração disciplinada através de Francisco das Chagas (1631 -1682) e o Fundador do movimento do Oratório Bartolomeu de Quental (1626 – 1698). Segundo Hoornaert²⁷:

Esse desejo de reformar a vida cristã que nasceu entre os oratorianos, o famoso movimento missionário que os levou progressivamente às cidades do Porto, Braga, Viseu, Estremoz, no Brasil, Goa e Índia.

Movimentos e discursos que mostram uma relativa influência na vida eclesiástica do arcebispo em questão: Dom Gaspar Barata de Mendonça, quando este abdica do tribunal civil e dedica-se a uma vida clerical reformadora, com o foco na evangelização através do instrumento da arte. Métodos também pretendidos a uma região que por contexto histórico estava calejada de invasões holandesas lideradas pela gerência do príncipe Mauricio de Nassau e sua famosa Companhia das Índias Ocidentais que, por sinal, tinham inclinações protestantes.

²⁷ HOORNAERT, Eduardo. *op. cit.*, p. 356.

Ciclos de evangelização e expansão territorial que transpunha o litoral e agora adentrava os sertões. Administrando de forma paralela as influências de diversas ordens que chegavam ao Brasil no século XVII, ou já estavam estabelecidas nos litorais desde século XVI, tais como: Carmelitas, Capuchinhos, Franciscanos e Oratorianos.

Capítulo II

O Primeiro Arcebispo do Brasil (1676 - 1682)

2.1 - Dom Gaspar Barata de Mendonça (Lisboa, 1627 – Sardoal, 1686)

Gaspar Barata de Mendonça, ilustre filho da Vila do Sardoal, mas não natural. Nasceu em Lisboa por meados de 1627²⁸, na paróquia de Santa Marinha. Pais fidalgos e abrasonados, Pedro Lopes Barata e Antónia Moura²⁹. Foi batizado em 14 de agosto de 1627³⁰, tendo por padrinhos João de Moura Rolim e Jerónima de Moura. Cedo sua família retorna para a Vila do Sardoal, razão esta que faz muitos autores remeterem sua naturalidade a tal Vila³¹.

Personagem central desta atividade acadêmica; orador exímio, jurista, desembargador eclesiástico e prelado da Igreja Católica. Seu pai, Pedro Lopes Barata, ocupou elevados cargos na magistratura portuguesa na primeira metade do séc. XVII. Provável fonte de inspiração para Gaspar Barata de Mendonça. Inicia seus estudos em Évora, onde foi porcionista do Colégio Real da Purificação, dirigido pelos jesuítas³². Matriculou-se em Cânones na Universidade de Coimbra em 19/10/1646³³ e concluiu o curso em 22/07/1651³⁴; tornou-se bacharel enveredando pela magistratura. Foi nomeado Juiz de Comarca e por sua notória atuação e elevada envergadura moral e intelectual, em pouco tempo foi designado como “Juiz de Fora” em Tomar, que o deixava mais próximo de suas posses e família no Sardoal.

Abdicou da vida de jurista devido a uma série de desapontamentos pessoais com a profissão e a pressão no âmbito dos juristas. Com uma forte inclinação para a vida religiosa, tornou-se padre e ao deixar a vida administrativa das leis, deixou também as altas posições sociais, frivolidades e luxo. Quis ser um padre humilde e recatado (característica louvável que marcaria suas futuras administrações eclesiásticas). Depois de consagrado, tomou posse como vigário de São João de Gestação, padroado do concelho de Unhão, vinculado à diocese do Porto, onde viria a tornar-se Abade de Gestação. Não ficou afastado dos grandes centros por muito tempo e foi transferido como prior da paróquia de Santa Engrácia em Lisboa, na época uma

²⁸ MENDES, Ediana Ferreira. *Da Universidade de Coimbra ao Brasil: os bispos da Baía, de Olinda e do Rio de Janeiro (1676 – 1773)*. Universidade de Coimbra, 2018, p. 419.

²⁹ RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 155.

³⁰ ANTT – Livro de registros mistos, paróquia de Santa Marinha (1609 – 1638). Microfilme nº 1129 SGU. Doc. m0661.

³¹ RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 155.

³² RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 155.

³³ AUC – Matrículas, 1641 - 1646, Vol. 9, IV – 1ª D - 1-3-17.

³⁴ AUC – Actos e Graus, 1647 - 1650, Vol. 34, IV – 1ª D - 1-1-34.

das paróquias mais importantes da cidade, por indicação de Fernão Telles de Moura e Castro – 3º Conde da Casa de Unhão³⁵. Tal fidalgo, impressionado com a eloquência e oratória do Reverendo Gaspar, que por própria conta moveria seus esforços para transferi-lo para a capital.

Por suas qualidades de oratória, cultura e intelecto, somados a seus conhecimentos e práticas das leis, destacou-se na capital portuguesa no meio clérigo. Segundo Sousa³⁶, foi promovido a Desembargador da Relação Eclesiástica de Lisboa, Juiz de Casamentos e Relator de Direito Canônico. Nesse posto, afirmou Dom Sebastião Monteiro da Vide³⁷, que ainda Reverendo Gaspar Barata votou pela nulidade do casamento de Dom Afonso VI de Portugal com Dona Maria Francisca Isabel de Sabóia em 1668. Posteriormente, seria nomeado Governador do Bispado de Miranda, pelo impedimento do titular, Bispo Dom André Furtado de Mendonça³⁸.

Ainda de acordo com Vide³⁹, devido a seu destaque para as massas de Lisboa, com sua fina pregação e oratória, sua alta fama de sacerdote invulgar na cúria e na realeza, o nome do Reverendo Gaspar Barata de Mendonça seria escolhido diretamente pelo Rei Dom Pedro II e indicado ao Papa Inocêncio XI para a dignidade do cargo de Arcebispo Primaz do Brasil; desta forma, verificou-se automaticamente a elevação da diocese de São Salvador da Bahia de Todos os Santos. O Santo Padre emitiu duas Bulas Papais em 16 de novembro de 1676: *Inter Pastoralis Officii* – elevando a categoria de Arquidiocese São Salvador e a Bula e *Divina Disponente Clementia* – essa com poderes de exaltar a Dom o Reverendo Gaspar Barata de Mendonça e nomeia a Arcebispo da Bahia – Primaz do Brasil⁴⁰.

Acometido por uma grave doença (não se sabe qual, suspeitando-se, no entanto, por ser algo relacionado às vias respiratórias, devido a seu retiro na Quinta das Arcez, para “Tomar bons ares”) foi empossado por procuração em 3 de junho de 1677. Exerceu toda sua prelaia

³⁵ BAPTISTA, Manoel José de Oliveira. *Uma Glória do Sardoal Antigo – D. Gaspar Barata de Mendonça*. Sardoal: Boletim Cultural Atrium – Nº 12, 1988.

³⁶ SOUSA, D. António Caetano de, *Catálogo dos Arcebispos da Bahia e mais Bispos seus Suffraganeos*, in AAVV, *Colecção de Documentos, Estatutos e Memórias da Academia Real da História Portuguesa*, Tomo I, Lisboa, Officina de Paschoal da Sylva, 1721, Nº 1.

³⁷ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. Torres Vedras: Officina Miguel Rodrigues, 1765. p. XIV.

³⁸ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Catálogo dos Bispos que teve o Brasil até o anno de 1676, em que a Catedral da Bahia foi elevada a metropolitana, e dos arcebispos que nela tem havido, com as notícias que de uns e outros pode descobrir o Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Quinto Arcebispo da Bahia, do Conselho de Sua Majestade*. Biblioteca Nacional de Lisboa. p. XXI.

³⁹ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *op. cit.* p. XIV.

⁴⁰ SOUSA, D. António Caetano de. *op. cit.*

por meio de delegados, sem nunca efetivar sua posse em solo Baiano. Protocolou sua renúncia em 1681, quando, por real conhecimento da sua debilidade, foi sucedido por Dom João da Madre de Deus Araújo, este oficialmente o primeiro arcebispo a pisar em solo brasileiro em 1682⁴¹.

Entre 1676 e 1682, Dom Gaspar preocupou-se imensamente com sua administração em arquidiocese tão distante. Um dos fatos marcantes, que denota sua dedicação administrativa, foi a criação da Relação Eclesiástica Metropolitana. De acordo com Malheiro⁴²,

Deo-se-lhe Regimento em *13 de outubro*. Já a este tempo existia na Bahia a Relação Ecclesiastica Metropolitana, criada em 1677 (Prov. de *30 de novembro*) por D. Gaspar Barata de Mendonça, 1.º Arcebispo, e confirmada pelo Regente D. Pedro (Prov. Regia de *30 de março* de 1678).

Tal Auditório Eclesiástico de altíssima importância, pois consistiam os únicos atos legislativos dirigidos para colônia; julgava apelações e agravos das decisões tomadas em primeira instância. Esse tribunal de segunda instância somente receberia regimento interno em 1707 com as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia⁴³, confirmando assim uma verossímil preocupação administrativa pelo Arcebispo, herança da sua primeira atuação profissional. Solicitou para o posto de três clérigos letrados, os quais deveriam receber o mesmo ordenado que recebiam os desembargadores da relação civil, além da dificuldade de encontrar tais membros⁴⁴. Outro ponto de destaque com a criação deste tribunal é a afirmação do arcebispado como sujeito político-administrativo nas ordenações do reino português. Segundo Hespanha⁴⁵,

Além da competência contenciosa reservada, a Igreja detinha uma competência jurisdicional voluntária, nos casos em que as partes quisessem, por sua livre vontade, resolver suas questões perante um tribunal eclesiástico.

⁴¹ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *op. cit.* p. XIV.

⁴² MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. *Índice chronologico dos factos mais notáveis da história do Brasil desde seu descobrimento em 1500 até 1849*. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1850, p. 123.

⁴³ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *op. cit.*

⁴⁴ RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 156.

⁴⁵ HESPANHA, António Manuel. *O Poder Eclesiástico: aspectos institucionais*. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. v. 4: O Antigo Regime (1620-1807). Lisboa: Estampa, 1993. p. 288.

Sua gestão foi efetuada por meio de delegados de alta confiança pessoal, como é o caso mais notório, que viria a ser o famoso poeta, jurista e dramaturgo Gregório de Matos Guerra. Formado em Direito Canônico pela Universidade de Coimbra, tornou-se Clérigo *in minoribus*⁴⁶, indicado e avaliado pelo próprio Dom Gaspar Barata de Mendonça. De acordo com Da Silva⁴⁷:

(...) querendo manifestar-lhe a sua estima, obteve do primeiro arcebispo da Bahia, Dom Gaspar Barata de Mendonça, que, tomando posse por procuração em 1677, se conservára em Portugal, por causa das suas moléstias, que nomeasse a Gregório de Mattos thesoureiro mór da Sé, e vigário geral: ambos estes logares ocupou e serviu elle, enquanto cingio a mitra archiepiscopal.

Caso excepcional e um parêntese bem colocado nesta história: a questão Gregório de Matos⁴⁸. Afinal, seu descontentamento com a Sé Baiana e com seus doutos administradores, veio tornar-se o embrião malfazejo da famosa alcunha do poeta “Boca do Inferno” ou “Boca de Brasa”. Tal descontentamento foi gerado após perder seus cargos com administração de Dom Frei João da Madre de Deus. Desembargador da Relação Eclesiástica, Vigário Geral e Tesoureiro-mor da Sé, altos cargos para um clérigo não sacramentado que se negava a usar batina.

Durante o período de sua prelazia em São Salvador, Dom Gaspar ergueu diversas paróquias e freguesias, dedicou-se a sua arquidiocese, com os pensamentos irrigados com os ideais do Concílio de Trento. Devoção, arte e beleza na representação imaginária exemplificada na instituição do convento das Clarissas, conhecido como “Convento do Desterro”, que segundo Vide⁴⁹,

⁴⁶ AHU – Bahia, Coleção Luiza da Fonseca, caixa 24, doc. 2901-2903. p. 03.

⁴⁷ SILVA, João Manoel Pereira da. *Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Paris: Imprensa de Henrique Plon, 1858, p. 164.

⁴⁸ Em 1642 estudou no Colégio dos Jesuítas, na Bahia. Em 1650 continuou os seus estudos em Lisboa e, em 1652, na Universidade de Coimbra, onde se formou em cânones em 1661. Em 1663 foi nomeado juiz de fora de Alcácer do Sal, não sem antes atestar que é "puro de sangue", como determinavam as normas jurídicas da época. Em 27 de janeiro de 1668 representou a Bahia nas Cortes de Lisboa. Em 1672 o Senado da Câmara da Bahia outorgou-lhe o cargo de procurador. Em 1679 voltou ao Brasil, nomeado pelo arcebispo Gaspar Barata de Mendonça desembargador da Relação Eclesiástica da Bahia. D. Pedro II, rei de Portugal, nomeou-o em 1682 tesoureiro-mor da Sé, um ano depois de ter tomado ordens menores ou clérigo menor. Ver: SILVA, João Manuel Pereira da. *Plutarco Brasileiro, vol. 1*. E. e H. Laemmert, 1847.

⁴⁹ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Torres Vedras: Officina Miguel Rodrigues, 1765. P 21.

Em 8 de maio de 1677 tinham chegado as primeiras religiosas de Portugal a fundar o Convento de Santa Clara desta Cidade, estando Sé vacante; e o dito Senhor Arcebispo lhes mandou doudas instruções para o bom governo do Convento.

Na Vila de Sardeal, onde foi sua sede administrativa provisória, soergueu o solar de propriedade da família Mendonça com sua capela particular anexa, reformou e ampliou o Convento Franciscano de Nossa Senhora da Caridade e construiu a capela dedicada à Nossa Senhora da Lapa, próxima da Quinta de Arcez.

Nos últimos anos de vida é sabido e registrado, relações financeiras com o nobre Tristão Nunes Infante (1625 – 1693), político da restauração, poeta, mercador, mecenas e vereador da câmara municipal de Santarém; *santareno culto*, colecionista que provavelmente discorriam muito sobre o *gosto exótico* das artes vindas das colônias. Entre outras, deixa essa nota⁵⁰ no assunto dívidas:

... Francisco Homem do Castelo meu compadre levou h~u Sege meu sem preço mas sabendo que Dom Gaspr Barata Arceb° da Bahi me dava por elle sesenta mil rs. oeçendo dahi a mtos anos, me fazia seu testamentr°, entre o rol dos escargos de sua alma, dizxia q. me pagase eu o que me devia, o q. eu não quis consentir visto q. corria pir minha mão a pagua, E asi ficou ete negocio the meado do anno 1690, havendo catorze, q se contrahiu a dívida.

É notória que essa relação entre Dom Gaspar e Tristão Nunes foi proveitosa para ambas as partes e principalmente no âmbito do mecenato artístico e colecionismo. Como dito por Serrão⁵¹,

Quanto a Tristão Nunes Infante, um *santareno culto*, bom exemplo de globalização do exótico (sabe-se que comprava peças nos espaços coloniais, chegando a recorrer em 1687 a um exímio artista no Pernambuco para lavrar peças em prata e tartaruga destinadas a irmandades de Santarém), se foi ele o programador do ciclo pictórico da capela dos Terceiros compreende-se que apostasse num gosto actualizado.

⁵⁰ VAZ PACHECO, Maria Emília. (introdução e notas) e António MONTEIRO (transcrição). *Livro da Fazenda de Tristão Nunes Infante (1692)*, Santarém, ed. Norberto Infante Pedroso, 2013, p. 178-179.

⁵¹ SERRÃO, Vítor. *Mecenas e coleções em Portugal na Idade Moderna: dos Castro da Penha Verde aos Basto de Évora, e uma encomenda em Pernambuco*», *Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX*. Perfis e trânsitos, coord. Maria João NETO e Marize MALTA, Lisboa, ed. Caleidoscópio, 2014, p. 22-48.

Ainda então Arcebispo de São Salvador; Dom Gaspar Barata de Mendonça, declarou para sua renúncia diversas enfermidades e pediu a resignação para não prejudicar o bem das almas. Suas enfermidades e mazelas agravaram-se, sempre de forma vertiginosa. Dirige-se ao Papa em 1681, depois de ter o consentimento de D. Pedro II ⁵². Alegou constantes febres pela obstrução das veias, que lhe rendiam esgotamento, fadigas e falta de ar. Apesar do tratamento médico, nada resultou. Para não deixar as almas do seu arcebispado em padecimento, pela falta de um pastor, julga seu dever renunciar. Segundo Rubert⁵³,

A 21 de agosto de 1681 deu o parecer a sua Santidade deveria aceitar a renúncia, após consultar o núncio de Lisboa. Este a 01 de fevereiro de 1681, institui um processo e ouve os peritos constando que o arcebispo sofre também do estomago, tem tumor no ventre, pernas inchadas, se acha muito enfraquecido.

Após renunciar à sua administração arquidiocesana em 1682 retirou-se para a localidade da Lapa, terras que pertencem ao Sardeal, lugar aonde viria a falecer em 11 de dezembro de 1686, com 59 anos de idade, na Quinta de Arcez; propriedade que pertencia à sua família. Embora gravado em seu epitáfio em lápide tumular: *Faleção em XXII de dezembro de MDCLXXXVI.*

Hoje jaz sepultado num suntuoso carneiro, no altar-mor da igreja do Convento da Caridade, com seu brasão arquiépiscopal, coroando o túmulo esquartelado com as indicações das famílias Barata, Moura e Mendonça, tanto esculpido em pedra calcária, quanto pintado no estuque do teto da capela-mor. Na placa gravada em pedra sobre o túmulo, e noutra placa em pedra à esquerda na capela-mor, podemos ler o feito de Dom Gaspar àquela comunidade que lhe era de grande apreço, o contrato celebrado em 1 de abril de 1678, identificando e louvando à sua reedificação do convento.

Por onde passou e administrou Dom Gaspar Barata de Mendonça, nota-se um cuidado exímio com a arte, beleza, requinte e devoção. Este homem, que viveu 59 anos, galgou importantes degraus tanto na vida acadêmica, jurídica e eclesiástica. Despojou-se dos altos cargos e luxos e tentou viver no bucolismo, mas sempre se destacou, mesmo no meio de comunidades rurais e pequenas. Marcou época, entrou para a história em dois continentes, no “velho e no novo mundo”, mesmo sem ao menos ter posto os seus pés nele.

⁵² RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 156.

⁵³ RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 156 - 157.

2.2 - Uma Identidade Visual Desconhecida

A fecundidade das construções sacras, na primeira metade do século XVII, não foi produtiva na colônia brasileira, principalmente por causa das questões relativas à invasão holandesa no Brasil. O barroco brasileiro, ou barroco tardio, deu seus primeiros passos na segunda metade do século XVII. Algumas igrejas e a introdução da talha dourada na Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, efetivaram passos promissores ao destacado estado da arte sacra do Brasil. Ao governo é direcionado o auxílio para a construção de igrejas, já que recebiam um percentual do dízimo e onerosas disputas para acabamentos, talhas, altares e alfaias.

Foi graças aos ingentes esforços de Bispos altamente tocados com as questões relativas à catequese e arte, alimentando diversos vigários que, por sua vez, inflamavam na população a necessidade do firmamento edificado do catolicismo, que foi possível erguer uma grande quantidade de matrizes, igrejas e capelas. Somente em locais mais abastados e com a presença de ricas e imponentes ordens religiosas surgiram magníficos exemplos do barroco nos finais do século XVII no Brasil.

Em 1676, por consideração da elevação da Bahia a arquidiocese, consta que as obras da Sé ainda não estavam concluídas e esperava-se em breve, com participação do arcebispo, concluir os arremates finais. Ao tratar do povo de Deus e das construções dos templos, Rubert⁵⁴ diz sobre a construção da Catedral da Cidade do Salvador:

Era de três naves, com belas colunas, concorrendo para sua construção o Rei e o Povo. A igreja (catedral) tem como titular o Salvador do Mundo foi construída em perfeita e magnífica arquitetura, distinta pela qualidade das obras e adornos.

Todo esse contexto histórico reunia uma atmosfera à espera da presença do arcebispo primaz do Brasil. O epíteto historicamente alargado, de um arcebispo ausente, beira a uma injustiça histórica sobre essa persona. Um homem que tanto ansiava por distribuir seu conhecimento, quanto o povo sedento de um pastor o esperava ansioso para rematar sua majestosa catedral, quanto guiar no primeiro passo de uma independência colonial, reflexo de um desmembramento arquidiocesano de Lisboa.

⁵⁴ RUBERT, Arlindo. *op. cit.*, p. 297 – 298.

Envolto a essa formação e atuação de um pastor ou guia religioso, que em pleno século XVII refletia um padrão no comportamento social, em Lisboa surgiram diversas correntes de pensamentos e estímulos dentro do clero. Nomes como D. Frei Bartolomeu dos Mártires e Frei Luís de Granada, do século XVI, e o Movimento do Oratório, no século XVII, influenciaram o dispor, pensar e atuar de muitos párocos, núncios e bispos. Frei Raúl Almeida Rolo⁵⁵ em sua obra ao refletir sobre Bartolomeu dos Mártires diz:

A diligência com que o bispo se há de dar a oração e contemplação, a pureza de intenção e perseverança na aplicação dos Concílios, o zelo na defesa da justiça e a magnanimidade e fortaleza no combate do pecado, a paciência e constância nas adversidades, a prudência e a circunspeção nas palavras e obras, a misericórdia e a liberdade do coração, a gravidade, afabilidade, e suavidade no trato, a humildade e a modéstia na suas casas, na pessoa, na mesa, a enumeração do verdadeiro pastor, tudo é considerado e proposto.

A intensidade e profundidade na vida do prelado é fundamental nestes alicerces de pensamento, a forma de promover uma correta articulação entre teologia e prelazia. A modéstia no trato particular e na aparência propriamente dita também foi uma das faces destas correntes de pensamento, um proposto regresso às fontes da simplicidade do cristianismo e dos primeiros tempos da Igreja Católica⁵⁶. Praticar a simplicidade no cotidiano, mas expressar sua grandiosidade de ideias através da administração regular e do patrocínio das artes, foi um coeficiente encontrado por muitos destes pastores do século XVII.

No ano de 1659, os Oratorianos iniciaram a sua ação em Portugal através do Padre Bartolomeu de Quental. Um movimento que tem por base os desejos do Padre Brasileiro, natural da Bahia, Hilário Nunes, ao ter em Roma contatos com o movimento dos Oratorianos de São Filipe de Neri. Os ideais que irrigaram muitos prelados lisboetas no segundo quartel do século XVII tinham por base um projeto missionário com os índios brasileiros e os escravos angolanos.

Os Oratorianos de Lisboa exerceram profícuo ministério, principalmente nas pregações de missões populares, instrução catequética e foco no atendimento aos índios; uma conjuntura de ligações aos ideais iconográficos demonstrados por Dom Gaspar Barata de Mendonça (**Ver**

⁵⁵ ROLO, Raul Almeida. *O Bispo e a sua Missão Pastoral: Segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Porto: Movimento Bartolomeano, 1964.

⁵⁶ MARCOCCI, Giuseppe – *A consciência de um império. Portugal e seu mundo (sécs. XV-XVII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

apêndice II – Figuras 11, 12, 16, 17 e 24). Para além do seu papel na estruturação da arquidiocese da Bahia, o movimento Oratoriano de Lisboa alastrou pelo sertão da Bahia e auxiliando ainda a criação da diocese de Olinda, prova da força dos seus ideais em terras brasileiras.

A construção deste pensamento e desta reflexão é a demonstração objetiva dos ideais que vigoravam entre o clero em Lisboa no último quartel do século XVII. Tempo preciso da nomeação que esta dissertação se predispõe. Ao debruçar-se sobre todos os aspectos e caminhos trilhados por Dom Gaspar Barata de Mendonça, percebemos a construção de um prelado culto, objetivo, que caminhava para uma simplicidade da aparência pessoal, motivo pelo qual não quis ser retratado pelas artes (**Ver apêndice I – Figuras 05 e 06**), que de forma ostensiva recenseou; mas trilhava uma grandiosidade perpétua em nome da Igreja mais romana, mais tridentina e mais edificada fisicamente em terras tão longínquas.

Capítulo III

Relações com o Ribatejo

3.1 – Ribatejo: O Sardeal e seu hibridismo cultural

Desde as ordens gerais D’El-Rei Dom João III: o mesmo que deu posse espiritual as terras de São Salvador da Baía de Todos os Santos, e por mãos do próprio, alguns anos antes, eleva a categoria de Vila as terras do Sardeal. As coincidências entre estas duas frações de terra, apenas começam neste quartel do séc. XVI; a Bahia e o Sardeal se entrelaçam ao correr da história a todo instante. Segundo indica Gonçalves:⁵⁷

(...) Os Condes de Abrantes, esteve profundamente ligada aos Descobrimentos e em especial a fase que se seguiu a descoberta do caminho marítimo para a Índia (...) seu filho foi o 1º Vice-Rei da Índia. Se nos lembrarmos que o senhorio do Sardeal, pertencia então aos Almeidas, não fere a lógica a aceitação de que muitos marinheiros e soldados fossem aqui recrutados(...) São prova de que muitos sardealenses partiram para o Oriente e Brasil.

O intercâmbio cultural entre essas duas terras é vastíssimo e deveras rico. Contam-se os ditos populares nas ruas do Sardeal que todo ouro empregado em seus altares vem diretamente da Bahia. Ao andarmos pelas ruas da Vila encontramos um pórtico com um índio de boca aberta, mostrando os dentes, esculpido em pedra calcária; figura indígena em lavabo de capela; figuração indígena pintada na bandeira da tradicional misericórdia sardealense e junto na mesma representação, frei Miguel Contreiras. Um conjunto artístico híbrido que merece uma análise minuciosa, que converge num mesmo ponto histórico, sob a administração de um Senhor de elevadas características intelectuais e religiosas. Este influenciou uma região que ficou eternamente marcada como a sede provisória do arcebispado primaz do Brasil. Como disse Serrão⁵⁸,

⁵⁷ GONÇALVES, Luis Manuel. *Sardeal do Passado ao Presente – Alguns Subsídios para sua Monografia*. Sardeal: Câmara Municipal do Sardeal, 1992, p. 109.

⁵⁸ SERRÃO, Vitor. *A Trans-Memória das Imagens. Estudos iconológicos de pintura portuguesa*. Lisboa: Cosmos, 2007.

Este *gosto em português* mostrou-se apto a miscigenar com naturalidade, desde o século XVI, o vernáculo e a tradição, os estilos europeus dominantes e o exótico colonial, o erudito e o inóspito, o aparato e as artes do efêmero, e uma disponibilidade de integrar esse mundo plural e globalizado.

Assim é o elo miscigenado entre o Ribatejo e a Bahia, uma terra onde as Américas, o Oriente e o “Velho Mundo” comungam na mesma rua, ouve o badalar do mesmo sino e convive este *gosto em português*. Sob as sombras de Freixos trazidos pelas naus de Vasco da Gama das Índias, o brilho do ouro, proveniente do Brasil, em suas capelas, o abrir do oratório indo-português em xarão, pinturas de brutesco em teto de capela e o mistério das pedras calcárias esculpidas com o cocar indígena.

O historiador e antropólogo Estevão Pinto⁵⁹ destaca as áreas de cultura indígena e a sua relação com a influência colonial portuguesa; uma análise significativa à nossa projeção e uma possível interpretação dessa vontade de identificar essa vertente indianista do primeiro arcebispado do Brasil. De acordo com o referido autor,

De uma relação anônima do século XVII, existente na Torre do Tombo em Lisboa, verifica-se anotações até 1746, existiam comunidades tupis em várias localidades, aldeados pelos missionários nérios, carmelitas, beneditinos e capuchinhos. O manuscrito, ao dar notícia de outras reduções e comunidades indígenas, classifica os catecúmenos, geralmente, de tapuias, quando é certo que muitos são Cariris.

Esse trecho tem um significado ímpar para o nosso foco; o lugar colonial não entende o colonizado, não se apercebe da vida entre esse sistema. Desta falta de percepção do dominante sobre o dominado resulta como intenção única a localização geográfica. Assim um arcebispo, principalmente que atua e administra à distância, apoia-se somente como instrumento administrativo na criação do tribunal eclesiástico para controlar seu corpo clérigo e a arte para evangelizar seu rebanho.

Ao analisarmos o além-mar com o foco na Baía de Todos os Santos de São Salvador, voltamos a mais ordens gerais D’El-Rei D. João III. São Salvador havia sido escolhida como sede da administração geral da nova conquista – *Terra Brasilis*. Em 1551 a Diocese brasileira torna-se independente da Diocese do Funchal - Ilha da Madeira, vista a distância geográfica e

⁵⁹ PINTO, Estevão. *Os Indígenas do Nordeste*. São Paulo, 1945.

a necessidade de um bispo para administrar a fé cristã deste local. E cabe aos pastores desta nova administração a responsabilidade de pregar a palavra de Deus, organizar o povo em comunidades, converter gentios, nomear párocos e edificar igrejas e conventos.

Nesta tão alta responsabilidade, tais pastores têm obrigatoriamente um perfil bem dotado e digno para tal posto: altíssima instrução, eloquência e devoção. Analisando ao viés artístico, um excelente bom gosto ao trato das artes sacras com a função de administrar e erguer novas comunidades e paróquias. Assim a figura de Dom Gaspar Barata de Mendonça é um indicativo da importância conferida por D. Pedro II ao exercício do cargo. Como destacou Dom Sebastião Monteiro da Vide⁶⁰:

Porque, parecendo lhe a El REI D. Pedro II. N. Senhor pela nímia extensão desta Diocese (que compreende só de costa, mais de mil léguas e pelo sertão ainda se lhe não sabe o fim) se não podia governar por hum só prelado, por mais vigente que fosse, suplicou a Santidade de Innocencio XI.

A Vila de Sardeal é a sede do concelho com a mesma denominação. Geograficamente, situa-se no centro do território português. Foi edificada numa colina ao norte de Abrantes, com uma distância aproximada de 12 km entre os centros. A Vila, atualmente, pertence ao distrito de Santarém, na província do Ribatejo. O nome “Sardeal” remete para a farta quantidade de sardões ou lagartos na região, desta forma o brasão do concelho tem a figuração do sardão, cumprindo a identidade do local.

As origens da Vila do Sardeal e suas respectivas datações são incertas, segundo Moleirinho⁶¹,

Da fundação ou origem da Vila de Sardeal pouco se sabe na medida em que o documento mais antigo que se conhece é um foral da Rainha Santa Isabel, datado de 11 de janeiro de 1351. É natural, no entanto, que, dada a fertilidade das suas terras e pureza das suas águas e a amenidade do seu clima, muito antes tenham atraído moradores que se foram agrupando e aumentando a povoação que mais tarde seria elevada a categoria de vila, por carta de D. João III em 1531, com suas regalias, concedendo-lhe no Tejo, no lugar de Junceira, um porto livre e exclusivo para os seus habitantes.

⁶⁰ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Catálogo dos Bispos que teve o Brasil até o anno de 1676... op. cit.*, p. XXI.

⁶¹ MOLEIRINHO, Fernando C. *A Santa Casa de Misericórdia do Sardeal – A instituição e sua actividade*. Sardeal: Câmara Municipal do Sardeal, 2000, p. 14.

A Vila é composta por um interessantíssimo recheio patrimonial edificado, desde suas belas capelas, igreja, convento, casarões e coroando todas essas relíquias de pedra e cal, a sua suntuosa igreja matriz. Desde a fundação da Santa Casa de Misericórdia em 1509, o Sardeal foi marcado por autos de Gil Vicente entre 1507 e 1532. Dentre eles a elevação à categoria de Vila, a presença de um pelourinho central, a sua casa de Câmara, a fundação de um convento franciscano, a forte ligação da Vila com os descobrimentos além-mar, o primeiro Vice-Rei das Índias ter sido Comendador do Sardeal e os reflexos da riqueza vinda das lavras de ouro das Minas Gerais brasileiras em seus altares. E, tal como vimos salientando, o facto de um dos sardealenses ter sido empossado como Primeiro Arcebispo da Bahia – Primaz do Brasil. Esta Vila, recheada de riquezas e história, é um deleite para a investigação e para a pesquisa.

3.2 - Influências do arcebispo no Sardeal

Os monumentos a seguir identificados foram todos eles conhecidos, visitados e, pelo menos um deles, intervencionado pelo autor desta dissertação ao longo dos meses em que viveu no Ribatejo. Trabalhou como Conservador-Restaurador na capela de Nossa Senhora do Carmo – anexa ao Palacete ou Casa Grande do Sardeal -, contratado pela Empresa Signinum – Gestão do Património Cultural. Durante aquele período, pôde imergir no pequeno universo no qual o Arcebispo viveu até aos seus últimos dias, na Quinta de Arcez.

Identificar as devoções de Dom Gaspar Barata de Mendonça foi fundamental para a construção espiritual e artística que este Arcebispo constituiu durante a sua administração na arquidiocese na Bahia. Vindo das ruas do Sardeal, seguindo os passos do nosso Arcebispo, nota-se de veras penitência, invocação e devoção Mariana e Franciscana. A proteção de Nossa Senhora da Piedade, que guarda a Vila do Sardeal, é visível dentro da sua matriz, quer através de uma representação do século XV, esculpida em pedra, dourada e policromada, quer de uma outra representação, maneirista, em madeira, dourada e policromada. Na capela particular da família Moura e Mendonça, encontra-se a devoção a Nossa Senhora do Carmo. Coroando a igreja e convento da Caridade, como não poderia deixar de ser, acha-se a devoção a Nossa Senhora da Caridade e a Nossa Senhora da Misericórdia. Por fim, na Quinta de Arcez, os

últimos passos de Dom Gaspar até à sua morte foram acompanhados pela devoção a Nossa Senhora da Lapa. Sendo assim rememoro Chesterton⁶²:

O Santo é um medicamento, porque ele é um antídoto. Certamente é por isso que o santo é muitas vezes um mártir, ele é confundido com um veneno, porque ele é um antídoto. Ele geralmente será procurado para restaurar a sanidade do mundo, exagerando o que o mundo ignora, que nem sempre é o mesmo elemento em todas as idades. No entanto, cada geração procura o seu santo por instinto, e ele não é o que as pessoas querem, mas sim o que o povo precisa.

Outro sinal devocional que provavelmente brotou pelo Sardoal e enraizou na criação das novas vigairarias no Brasil foi a devoção franciscana de Dom Gaspar Barata de Mendonça. O próprio convento reedificado e ampliado por ele era franciscano que pertencia à província de Santarém. Sua proximidade com a devoção franciscana motivou a fundação do Convento de Santa Clara do Desterro em Salvador, com as primeiras irmãs Clarissas vindas de Évora. Coroando essa devoção, quase todas suas novas freguesias fundadas no Brasil tinham o crivo de Santo António, por exemplo: Santo António e Almas ou Santo António do Sertão da Jacobina Velha.

3.3 - Casa Grande/ Casarão dos Almeidas/ Palacete do Bispo

Palacete situado na Avenida Luís de Camões na Vila do Sardoal, concelho de Abrantes, pertence ao distrito de Santarém. Edifício classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo decreto N° 735-74 de 21 de dezembro de 1974⁶³. **(Ver Apêndice II – Figuras 09 e 10).**

Edificação urbana, setecentista, com características barrocas. Visualmente chama a atenção pela imponência arquitetónica, como uma típica “casa comprida”, em frente ao pelourinho do Sardoal. Possui arquitetura longitudinal em esquadro com a rua da vila, constituindo um conjunto harmonioso, que apresenta num dos extremos a capela de Nossa Senhora do Carmo e termina, no outro, com o atual acesso à Câmara Municipal. A

⁶² CHESTERTON, G.K. *Santo Tomás de Aquino: biografia*. Tradução de Carlos Ancêde Nougué. São Paulo: Ltr, 2003. pp. 30-31.

⁶³ Referido do site: SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Disponível em: DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt). Acesso em 10 - dezembro -2020.

denominação “Casarão dos Almeidas” provém dos Condes de Abrantes, que primitivamente eram grandes proprietários de terras, senhores da vila e de D. Francisco de Almeida, 1º Vice-Rei da Índia, comendador do Sardoal. Da mesma forma, não conhecemos a configuração original do edifício, que foi objeto de alterações significativas no decorrer dos séculos, quando a família Moura e Mendonça se tornou proprietária⁶⁴. Como Dom Gaspar Barata de Mendonça faleceu em 1686, não deve ter assistido à conclusão do Palacete, ficando este a cargo do seu sobrinho, executor testamentário e provedor da Santa Casa de Misericórdia, Bento de Moura Barata Freire.

A distribuição arquitetónica dá-se em três blocos distintos e em dois andares edificados, com remates de cimalha por toda construção. Edificação em alvenaria, rebocada e caiada, com ricos detalhes em cantaria e pedra calcária. No volume central no qual se encontra o objeto em destaque (**Ver Apêndice II – Figuras 11 e 12**), constituído por frontão triangular, o qual abrigava o brasão da família que ruiu. Porta de verga redonda, pórtico de ponta interrompida, que visualmente rememora os tratados⁶⁵ do arquiteto, pintor e teórico da arte Andrea Pozzo⁶⁶, no auge da sua produção artística e arquitetónica, corresponde ao período em questão. Envolto por duas portas-janelas com balcão corrido e arredondado na parte central; unidos por uma única sacada, balcão protegidos por gradil em ferro, com motivos florais e de enrolamentos; pilastras esquinadas, que harmoniosamente envolvem o conjunto.

Os demais volumes, na vista externa, distribuem-se com trato elegante a apresentar portas almofadadas e janelas de sacada, todas com gradil de ferro em motivos florais, frontões e molduras arrematados em pedra calcária, numa apresentação teatral de edificação com ilusionismos de falsas portas para compor a distribuição dos elementos. O interior do edifício dar-se de primeiro impacto aos pequenos seixos rolados, muito bem colocados no piso de entrada. O teto do átrio é forrado por caixotões entalhados em madeira. Um brasão esquartelado esculpido em pedra calcária identifica as insígnias das Famílias Moura, Almeida e Freire. O quarto elemento não consegue ser identificado com precisão. Uma escada ampla, com claraboia, concede acesso ao segundo piso – Salão Nobre, no qual uma pintura têxtil aplicada no forro do teto identifica a função de palacete arquidiocesano.

As duas figuras em destaque apresentam-se esculpidas em pedra calcária. Identificamos facilmente um Índio, de expressão bravia, boca aberta, olhos arregalados, nariz largo, curiosa

⁶⁴ GONÇALVES, Luis Manuel. *op. cit.*, p.109.

⁶⁵ *Perspectiva Pictorum et Architectorum* é o tratado de perspectiva direcionado para pintores e arquitetos, escrito por Andrea Pozzo e publicado em dois volumes em 1693.

⁶⁶ Haskell, Francis. *Mecenas e Pintores: Arte e Sociedade na Itália barroca*. Ed.USP, 1997.

barba em formato tipo pera hirsuta e brincos. Coroando sua cabeça um generoso cocar indígena, muito bem detalhado. A segunda, dentro do palacete, no suposto salão nobre no segundo andar, encontra-se pintada em têxtil, atualmente em avançado estado de degradação, mas identificável como um brasão episcopal, apresentando-se como o ornato central no forro (**Ver Apêndice II – Figuras 13 e 14**). Ladeado por sancas e pinturas com fingidos de madeira.

3.4 - Capela Nossa Senhora do Carmo

Monumento situado na Avenida Luís de Camões na Vila do Sardoal, concelho de Abrantes, pertence ao distrito de Santarém. Anexo ao Palacete, com comunicação interna pelo coro alto, direto ao primeiro piso do edifício⁶⁷.

Capela privada da família Moura de Mendonça, construída com alvenaria, rebocada e caiada, com riqueza de estuques e douramento a mordente, estilo rococó, composta por nave única com abóboda de madeira e estuque, com motivos florais e geométricos; apainelado central com armas e coroa de Nossa Senhora do Carmo. Mostra pilastras toscanas formando arco do triunfo; retábulo em talha dourada de madeira nobre (Pinho de Riga) e formosos falsos mármore de belíssima execução, com elegante tribuna para a padroeira. (**Ver Apêndice II – Figura 15**). Todo o piso da capela é revestido por pedra xisto em duas tonalidades, formando um padrão axadrezado. A fachada apresenta frontão contracurvado, urnas e cruz em pedra calcária e pilastras coríntias, com janelão e portal central.

Em comunicação com o presbitério, por acesso direito pelo altar mor, ambos são em pintura fingida e emolduradas por aduelas com falso mármore e encimadas por sanefa com a mesma temática decorativa; encontra-se singela sacristia com pouquíssimos ornatos em gesso, com presença de arcaz de madeira e ferragens. Destaque para curioso lavabo de pedra calcária (**Ver Apêndice II – Figuras 16 e 17**). Imagem de índio, com feição arredondada, olhos abertos, grandes e amendoados, nariz farto e largo, boca aberta com a saída da água, porta em seu coroamento um cocar indígena; com simples bacia em pedra calcária com função de aparador d'água.

A imagem da padroeira do Carmo é altamente decorada, com belíssimo rigor em seu douramento, estofamento, punções e policromia. (**Ver Apêndice II – Figura 18**). Encomenda

⁶⁷ Referido do site: SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Disponível em: DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt). Acesso em 12 - dezembro -2020.

de alto padrão que condiz com o recheio da capela. Uma figura feminina que carrega em seu colo o menino Jesus; feição jovem; de pé, posição frontal; fisionomia contemplativa; cabeça levemente pendente para frente; rosto arredondado; olhos de vidro; nariz afilado; boca cerrada; lábios afilados; queixo em montículo; cabelos longos; orelhas em C; pescoço esguio; colo com seios proeminentes; braço esquerdo flexionado, segurando a criança e braço direito estendido; mãos entreabertas a abençoar; pernas estendidas, perna direita semiflexionada; pés em ângulo; base chanfrada com efeito marmóreo.

3.5 - Igreja e Convento Santa Maria da Caridade

Monumento histórico religioso, localizado no largo do convento, na Vila do Sardoal, concelho de Abrantes, pertence ao Distrito de Santarém. Edifício classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo decreto Nº 251-70 de 3 de junho de 1970⁶⁸.

O conjunto da igreja e convento de Santa Maria da Caridade é um complexo religioso na Vila do Sardoal, cujos primeiros registros remetem a 1571 quando ali foi erigida uma ermida dedicada à Nossa Senhora da Caridade, título que os religiosos também impuseram a esse convento⁶⁹. Santuário franciscano destinado à ermida de Nossa Senhora da Caridade, posteriormente esse seria propriedade da Misericórdia do Sardoal, com a extinção das ordens religiosas no século XIX. O Convento de Nossa Senhora da Caridade do Sardoal era masculino, pertencia à Ordem dos Frades Menores e à Província da Soledade. As obras foram realizadas à custa do dinheiro do povo da região e, principalmente, de D. Lopo de Almeida, conde de Abrantes, antigo residente no Sardoal (**Ver Apêndice II – Figura 19**).

No último quartel do século XVII, o convento foi reedificado. E encontramos o ponto chave desta pesquisa, relacionado ao convento: identificado tanto por uma placa de mecenato ao lado do evangelho (**Ver Apêndice II – Figura 20**), quanto pela placa em seu próprio túmulo ao lado da epístola (**Ver Apêndice I – Figura 08**) deveras suntuosa a participação pessoal de Dom Gaspar Barata de Mendonça, nesta construção. Consta em lápide no presbitério –Lado do Evangelho:

⁶⁸ DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt) Acesso em: 15 de dezembro 2020.

⁶⁹ MOLEIRINHO, Fernando C. *A Santa Casa de Misericórdia do Sardoal*. *Op. cit.* p.69.

Convento reedificado em 1676, lançando o 1º Arcebispo da Baía – Gaspar Barata de Mendonça, natural do Sardoal, com assistência do provincial da Ordem, a quem por contrato celebrado em 01 de abril de 1678 foi dado seu padroado, tendo dado mil cruzados para sua reconstrução e obrigando-se a ordinária de 30.000 réis anuais para sua conservação.

Um debruçar mais específico ao presbitério é claro e notável o monumento fúnebre de grande porte e elegância do nosso Arcebispo, ao lado da Epístola. Confeccionado em pedra calcária, policromado e ricamente dourado; estruturado numa composição descrita por Vale⁷⁰ em suas considerações tipológicas, analisadas para esse monumento:

Monumento fúnebre integrado em arcosólio, constituído por suportes, sobre os quais se eleva uma estrutura de sugestão piramidal constituída por uma sucessão de elementos (de diferentes morfologias) e rematada pela figuração de almofada suportando escudo encimado por cruz.

Ao analisar o túmulo em sua estrutura piramidal, mostra uma evocação do terreno em ascensão ao celestial. Nesta *sucessão de elementos de diferentes morfologias*, descrevendo da terra para o divino: O primeiro contato entre terra e sarcófago são três leões que figuram diversas interpretações da tumularia ibérica; desde a ligação iconográfica com São Marcos apóstolo e sua relação com a ressurreição do Cristo Redentor. A apresentação do versículo do profeta Daniel (BÍBLIA, Daniel - 6: 21,22)⁷¹:

O rei, vive para sempre! O meu Deus enviou o seu anjo, e fechou a boca dos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele; e também contra ti, ó rei, não tenho cometido delito algum.

Os leões para Dom Gaspar Barata de Mendonça podem tomar uma interpretação particular a sua devoção ao arcebispado da Bahia, envolvido num conjunto de culpa, pesar e frustração por não exercer presencialmente seu ofício no Brasil. A figura do felino relacionada

⁷⁰ VALE. Teresa Leonor M. *Tumularia Portuguesa - Do Maneirismo e do Barroco. Surgimento, definição e difusão de tipologias morfológicas e programas iconográficos*. Projecto de investigação realizado no âmbito de uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2004-2007.

⁷¹ BÍBLIA, A.T. Daniel. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990. p. 1154.

com a justiça terrena; os leões que suportam o túmulo e conduzem a uma justiça e esperança do falecido no Juízo Final.

Ao subir a escala da pirâmide funerária encontra-se a lápide com epitáfio na qual pode ler-se a seguinte transcrição:

AQVI IAZ D. GASPAR BARATTA DE MENDONÇA MORADOR QVE FOI NESTA VILLA PRIMEIRO ARCEBISPO DA BAHIA PRIMAZ / DO BRAZIL QVE POR SEVS ACHAQVS FICOV IMPEDIDO E LHE DEV APROVAÇÃO O PADROADO DESTA CAPPELLA / E CONVENTO POR CONTRATO E ESCRITVRA CELEBRADA NO PRIMEIRO DIA DO MEZ DE ABRIL DE MDCLVIII E / AS NOTTAS DO OFFICIO DE MANOEL DE PARADA FREYRE DANDOLHE POR ELLE MIL CRVZADOS PARA AIVDA DAS OBRAS / E PARA SE FAZER DOVS RETABOLOS DESTA CAPPELLA MAYOR E CONTINVA COM A ORDINARIA DE TRINTA MIL REIZ / POR ANNO COM FACVLDADE DE NOMEAS O PADROADO E SEV IAZIGO EM SEVS HERDEIROS COMO FAZ NO PRIMEIRO QVE HE BENTO DE MOVRA BARATTA SEV SOBRINHO NA FORMA DE SEV TESTAMENTO FALEÇEO EM XXII DE DEZEMBRO DE MDCLXXXVI.

Assim, como executor do testamento do Arcebispo, gravado em epitáfio, seu sobrinho Bento de Moura Barata foi o provável encomendador do túmulo. O mesmo também foi provedor da Santa Casa de Misericórdia do Sardoal entre 1684 e 1686, segundo consta na relação de provedores da Misericórdia, publicada por Moleirinho.⁷²

Ao galgar a *sugestão piramidal* da estrutura do túmulo, encerra em seu topo com um crânio cruzado por dois ossos de fémur, uma alusão ao monte gólgota onde Jesus Cristo foi crucificado em seu sacrifício-mor. Coroando com uma *almofada suportando seu escudo encimado por uma cruz*, a presença do escudo arquiépiscopal com o chapéu do peregrino de 12 borlas (típica representação do brasão de bispo – o Galero do pastor e as borlas que fazem alusão aos 12 apóstolos); envolvendo o esquartelado brasão das famílias que foi escolhido por Dom Gaspar Barata, para compor seu emblema que também está presente, pintado no estuque acima do seu túmulo. Essa análise tumular rememora a publicação de Coelho:⁷³ “Estes exemplos, apesar de apresentarem ainda características que os relaciona com o arquétipo adotado na tumulária da capela-mor de Belém (Inserção em arcossólios, articulação de volumes inscritos numa composição piramidal), já adquirem um dinamismo”.

⁷² MOLEIRINHO, Fernando C. *A Santa Casa de Misericórdia do Sardoal*. *Op. cit.* p.92.

⁷³ COELHO, Teresa Campos. *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 2018. p.344

Sobre o corpo da igreja da Caridade o Dr. Luís Manuel Gonçalves⁷⁴ em sua publicação eletrónica cita o Dr. Gustavo Matos Sequeira *Inventário Artístico de Portugal - 3º Vol. - Aveiro, Beja, Coimbra, Évora, Leiria, Portalegre, Porto e Santarém*, o qual nos faz uma descrição sucinta, mas completa do património arquitetónico e artístico da igreja do Convento Santa Maria da Caridade:

A Igreja é de uma só nave, de abóbada caçada, com altar-mor e duas capelas laterais. Na abóbada do berço da capela-mor está pintado o brasão do Arcebispo da Baía, com as armas esquarteladas dos Mendonças, Vasconcelos, Mouras e Baratas. O retábulo do altar é de talha do século XVII. Do lado da Epístola há um arcossólio que abriga o mausoléu, no feitio clássico de urna, do prelado reedificador, com larga inscrição na face da arca, assente sobre três leões e o brasão familiar no alto. No altar colateral do lado da Epístola está um retábulo-relicário, decorado na parte superior com três pinturas sobre tela, representando Santa Clara, Santa Isabel e a Aparição da Virgem a S. Francisco, obras do século XVII.

A apresentação fotográfica (**Ver Apêndice II – Figuras 20, 21 e 22**) confirma as observações do Dr. Sequeira, expressando o brasão episcopal esquartelado, escolhido por Dom Gaspar Barata, como insígnia da sua administração arquidiocesana primaz; policromado em bela confecção, no estuque da capela-mor. Compendo uma apresentação visual suntuosa e digna ao jazigo perpétuo do primeiro Arcebispo do Brasil.

Sob a guarda e proteção do convento, existe uma coleção de painéis e bandeiras maneiristas, propriedade da Santa Casa de Misericórdia do Sardoal, identificadas ao último quartel do século XVII. Conjunto constituído por 10 pinturas a óleo sobre tela, enquadradas a mostrar dupla face, em suporte de varão de madeira, cada bandeira é encimada por uma cruz de madeira. Como disse o Padre Francisco Valente⁷⁵ em 2002, ao publicar uma minuciosa pesquisa sobre tais bandeiras:

Quatro destas pinturas constituem as chamadas Bandeiras Reais; as restantes seis tratando-se dos pendões que repetem duplamente as temáticas, todas relativas a momentos da paixão de Cristo, constituindo numa designação antiga referida em inventários, três painéis ou insígnias.

⁷⁴ Sardoal com Memória - Igreja e Convento de Santa Maria da Caridade (sardoalmemoria.net). Acesso em 07 de dezembro 2020.

⁷⁵ VALENTE, Francisco. *As Bandeiras e Painéis da Misericórdia de Sardoal. Sardoal: Câmara Municipal do Sardoal, 2002. p.18.*

Dentre essas quatro bandeiras Reais referidas pelo Padre Valente, uma destaca-se exponencialmente dentro desta pesquisa: a Virgem da Misericórdia com legenda (**Ver Apêndice II – Figura 24**) pintura maneirista com temática protecionista. Na legenda consta: “SVB TVVM PREZIDIVM CONFVGIMVS” – “ A VOSSA PROTEÇÃO NOS ACOLHEMOS”.⁷⁶ Com destaque a Virgem que guarda a todos em seu manto de misericórdia, divide em dois planos a realeza e o clero; sob os pés da Virgem encontra-se figura de criança indígena, com feições arredondadas, olhos abertos, cabelo curto, liso e negro. A representação do clero guiada por FMI – Frei Miguel Instituidor ou Frei Miguel Contreiras religioso de capa e hábito branco que é identificado como fundador da instituição da Misericórdia, juntamente com D. Leonor⁷⁷ que está presente ao lado referido dos leigos na apresentação.

De fato, todos apresentam correspondência para uma identificação: um papa com sua mitra de tríplice coroa; dois cardeais com vestes escarlates; Frei Miguel com indicação a seus pés, apenas um clérigo que olha em devoção a imagem da Virgem e próximo a figura infantil indígena, sem identificação; uma suposta representação de tal dignitário mecenas, que patrocinou a reconstrução do convento, obteve o padroado do altar-mor.

Aguçado por olhar crítico e investigativo, me permito colocar tal *suposição*, com veracidade entre a relação de local e tempo, me apoio nas palavras de Serrão⁷⁸:

A história da arte interroga, desvenda, investiga, compara, propõe medidas de salvaguarda, abre espaço ao conhecimento (e reconhecimento) o mais possível alargado de memórias estéticas ocultas por efeitos do tempo, e solidariza o olhar das pessoas com a *verdade* que se oculta na matéria feita obra de arte.

O monumento físico em si do complexo convento, igreja e recheio de Santa Maria da Caridade é um resumo do híbrido, flexível e tendencialmente multicultural do mundo português para além do seu pequeno território europeu. Um império que primeiramente expandiu a rumos e fronteiras no Oriente (reflexo do oratório de arte Namban e supostos freixos da entrada do convento) até à América portuguesa (com índios em suas bandeiras da Misericórdia e um arcebispo sepultado em seu presbitério).

⁷⁶ *Catálogo 500 Anos de Arte – Santa Casa da Misericórdia*. Ed. Prova de Cor, Câmara Municipal de Sardoal, 2010. p. 20.

⁷⁷ VALENTE, Francisco. *op. cit.*, p. 30.

⁷⁸ SERRÃO, Vitor. *A Trans-Memória das Imagens. op. cit.*, p. 43.

3.6 - Capela Nossa Senhora da Lapa – Arcez

Monumento histórico religioso, localizado no desvio para Mouriscas, povoação de Cabeça das Mós, junto à ribeira de Arcez, próximo e integrado na Quinta de Arcez, pertencente à Vila do Sardoal, concelho de Abrantes; distrito de Santarém. Edifício classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo decreto N° 2-96, 1.ª série-B, n.º 56 de 6 março de 1996 ⁷⁹.

Capela maneirista, de pequeno porte, construída em alvenaria, rebocada e caiada. Local de culto mariano a Nossa Senhora da Lapa, antes da edificação da capela. O Dr. Luís Manuel Gonçalves,⁸⁰ em sua publicação virtual, cita uma edição do jornal “As Novidades”, de 3 de julho de 1926. Não se trata de uma confirmação de que a capela foi erguida a mando de Dom Gaspar Barata de Mendonça, apenas um indicativo de sua devoção:

*Diz uma prática que neste local, onde se encontra um santuário dedicado à Mãe de Deus, apareceu outrora a Virgem Santíssima e que ali estivera desterrado pelas perseguições do seu tempo **um Bispo Católico, cujos restos mortais se encontram na Igreja do Convento, desta Vila.** Fosse como fosse e o certo é que estas peregrinações que o zelo apostólico do nosso bondosíssimo Vigário vem promovendo, são já grandiosas manifestações de Fé, pois a elas ocorrem os fiéis das freguesias vizinhas, os quais, em extrema união, louvam a Deus e honram a sua Mãe Maria Santíssima*

O aspecto interno da capela é um deleite, mirante a singela construção (**Ver Apêndice II – Figura 25 e 26**). O interior de nave única, com abóboda em estuque, sobre cuidada posição de cimalha, ricamente decorada com total enchimento de brutescos historiados com alusões à divina anunciação, assunção da Virgem, adoração de Jesus e a visita dos Reis Magos e Puttis. Assim compreende a leitura de Serrão⁸¹:

⁷⁹ http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3363. Acesso em 22 de dezembro 2020.

⁸⁰ Algumas notas sobre a Capela de Nossa Senhora da Lapa - Memórias Sardoalenses (memoriassardoalenses.net). Acesso em 22 de dezembro 2020.

⁸¹ SERRÃO, Vítor. *A atividade artística de António de Oliveira Bernardes na igreja da Conceição da Luz: Um exemplo de Cripto-História de Arte*. In: FLOR, Susana Varela. *A herança de Santos Simões - Novas perspectivas para o estudo da Azulejaria e da Cerâmica*. Edições Colibri, Lisboa, 2014. p. 459-474.

A linguagem brutesca é utilizada com largueza cenográfica em códigos de variação reconhecíveis a partir do uso de folhagens, festões, fruteiros e enrolamentos de acantos (e das fantasiosas ferroneries oriundas da tradição maneirista dos grottesche), associados à presença de anjos meninos, de aves, de cartelas com litánias marianas, emblemas, símbolos eucarísticos ou da Paixão de Cristo, quase sempre ocupando a bidimensionalidade dos panos murários, sejam tectos, arcos ou paredes axiais.

Ainda sobre o aspecto interno da capela, as paredes revestidas com azulejos policromados com padrão maçaroca (**Ver Apêndice II – Figura 27**); na parede do fundo, enquadrada por pilastras e colunas e nicho para devoção de Nossa Senhora da Lapa; confeccionado em alvenaria, rebocado e caiado, com ornatos em argamassa. O exterior destaca pequena sineira exposta sobre telhado, com presença de volutas, molduras e cruz, ladeado por pináculos, todos os ornatos em argamassa, o acesso dá-se através de uma pequena escadaria em alvenaria, para evitar inundações da ribeira adentro da capela.

Essa singela capela, porém, formosa e altamente decorada, tão afastada dos meios de circulação, à beira de um belo e bucólico corredor d'água, traz à tona um despertar analítico ao conceito de Micro-História da Arte, tanto no plano teórico quanto no plano prático, focado na revalorização do património, trazendo luz aos esforços e produções periféricas, no âmbito do geralmente desvalorizado das microproduções. Na qual Didi Huberman⁸² estabelece:

A descoberta do detalhe consiste em ver claramente algo que está ‘escondido’ por ser minúsculo, e em nomear claramente o que se vê [...] O detalhe é um pedaço do visível que se escondia e que, uma vez descoberto, se exhibe discretamente e se deixa definitivamente identificar (no ideal): assim o detalhe é considerado a última palavra do visível.

Um exercício ao entendimento da imagem, focado nos detalhes que transbordam o análise do espaço rural, realçando as produções periféricas esquecidas e à margem dos grandes centros de produção da arte. Realmente este foi o último esforço de catequização pela arte um pontífice por excelência. Fiel ao ideal Tridentino, concebeu o seu próprio leito tumular, na Capela da Lapa, nas Arcezes, transportando a arte à Maneira e a sua devoção mariana até à periferia da Lisboa - Umbilicus Mundi. Assim Serrão⁸³ traduz nestas linhas:

⁸² DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem*. Editora 34. São Paulo, 2013, p. 343.

⁸³ Serrão, Vitor. 2018. *Iconoclastia e Cripto-História da Arte: Casos de Estudos e Acertos Teóricos – Metodológicos no Património Artístico Português*. ARTis ON, n. 5 (Janeiro), 8-24. <https://doi.org/https://doi.org/10.37935/aion.v0i5.130>. p.14.

Os regimes religiosos são quase sempre favoráveis (mesmo que de modo não declarado) ao uso da imagem, à sua sublimação do real e ao seu poder de sedução e/ou de intervenção. Por isso, a dimensão do sagrado percorre sempre, de modo mais ou menos inconsciente, o território da representação artística.

Dom Gaspar Barata de Mendonça soube conciliar perfeitamente a sua força intelectual catequizante com as diversas facetas de produção da arte em seu tempo e espaço. Ao dignificar a humanidade, conjugando a religião com a produção artística, deixou-nos mais um legado para História da Arte; mais uma bela colocação nessa ponte patrimonial entre Portugal e o Brasil; mais uma página nessa História ainda tão pouco contada.

Capítulo IV Relações com a Baía

4.1 – Influências do arcebispo em sua arquidiocese

As manifestações de intercâmbios no campo das artes e cultura na colônia baiana estão intimamente ligadas a uma cultura tradicional, uma sociedade não secularizada, que se formou na “Baía – Colônia” dos seiscentos aos setecentos, desta forma, há muito o barroco se vinculou à fisionomia da velha Bahia: a antiga São Salvador como sede governamental, ostentando o título de primeira capital do Brasil, com toda pompa dos ritos tradicionais das irmandades ecoando pela cidade alta e baixa.

Na construção deste capítulo, diversas surpresas aconteceram, que adicionam informações ao clássico e fundamental documento brasileiro sobre estudos da Igreja, costumes, sociedade e administração eclesiástica colonial elaborado por Dom Sebastião Monteiro da Vide e somam ao trajeto de Dom Gaspar Barata de Mendonça uma expansão maior que a projetada ao andar pelas ruas da Vila do Sardoal.

No decorrer destes estudos, analisando minuciosamente o contexto histórico, social e cultural, Dom Gaspar Barata de Mendonça tentou exprimir em sua administração uma marca de gestão e expansão. O Norte para esta pesquisa adentro a América portuguesa foi o indicativo escrito por Dom Sebastião Monteiro da Vide⁸⁴ em seu *Catálogo dos bispos que teve o Brasil* em 1707, no qual:

Desmembrasse dessa Diocese três Bispados, erigindo-os de novo, atendendo mais a utilidade das almas que o argumento das suas rendas. Ficando o bispado do Maranhão, de Pernambuco, e do Rio de Janeiro, ficando a Bahia Metropolitana para elles. **Em seu tempo se erigirão em vigairarias S. Pedro, N. Senhora do Desterro desta Cidade, Santo Amaro de Itaparica, Santo Antônio António de Jacobiana, e Santo António de Villa Nova do Rio de S. Francisco.**

⁸⁴ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Catálogo dos Bispos que teve o Brasil até o anno de 1676... op. cit.*, p. XXI.

Desta forma, segui os passos indicados por Dom Sebastião Monteiro da Vide, quinto arcebispo da Bahia e promulgador das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia em 1707. E mais uma adição encontrada no decorrer da pesquisa, trata-se de vigairarias em Sergipe El-Rey⁸⁵.

4.2 – Baía: Cidade do Salvador

O panorama artístico na colônia baiana, além de compor e ostentar a vida social servia de instrumento capaz de despertar um gênero de espiritualidade não alheio a conotações de busca do prestígio temporal pelo catolicismo. Outra função social da vida artística barroca é a de permitir às associações religiosas um campo positivo e socialmente valorizado de competição. Eram tais associações que administravam o culto e à prática religiosa. A elas estavam incumbidas à guarda, conservação e decoração das igrejas, assim, se emulavam de apresentar-se cada uma do modo mais condigno possível perante as autoridades, os fiéis e o povo, especialmente em grandes ocasiões.

A arte neste contexto prestava-se a exprimir a religiosidade popular através de procissões, devoções, e até práticas sincréticas da religiosidade afro-brasileira, muito presente em uma região inegavelmente com forte presença africana como a Bahia. Não apenas expressa na música, na arquitetura, na escultura, mas pensemos no viés simbólico religioso-social.

A cidade do Salvador tem inúmeros exemplos entre as pinturas de tetos, confecção de imagens, reparos diversos em altares para entalhes e execuções musicais. Ordens terceiras como São Francisco de Assis, Nossa Senhora do Carmo e Conceição foram muito influentes em toda a colônia. Manifestava-se, por sua vez, a consciência de que o trabalho artístico possuía função educativa, contribuindo para o aprimoramento cultural de uma parte da população. Alta e ricamente ilustrativa, tal como herdava a bula do Concílio de Trento, em grande apreço se tinha a função educativa da arte.

Desde a magnânima ordem geral, concedida por El-Rey Dom Sebastião, ao povoamento da capitania da Baía, passando pela manipuladora administração pombalina até os gritos de independência na conjuração baiana, essa cidade sempre foi um “elo mítico” de ligação entre a América e a Europa – Salvador e Lisboa. O passado da Bahia, em relação às

⁸⁵ AHU_ACL_CU_022, Cx. 2\Doc. 195 – Sergipe d’El Rey - AHU_ACL_CU_005, Cx. 41\Doc. 3735 – Requerimento do vigário Bento Soares da Fonseca.

manifestações artísticas, está intimamente ligado à Igreja Católica, não há como negar, à saciedade, que o elemento colonizador e os produtos da mistura de portugueses, africanos e indígenas se fundiram nesta cidade e nunca foram insensíveis às manifestações da beleza. Segundo Ott⁸⁶:

Sendo portuguesa a maior e mais eficiente contribuição à nova cultura que se formava sob céu baiano, devemos contar de antemão com sua influência mais acentuada, desde o início da colonização. Entretanto, a cultura portuguesa, não pode ser considerada isoladamente, pois era parte integrante da europeia e estava em íntima ligação com a cultura ibérica, reunião de vários coeficientes europeus, asiáticos e africanos. Ao fundar-se a cidade do Salvador, criaram raízes na Bahia todos, esses elementos culturais misturando-se a outros que aqui existiam e que foram sendo introduzidos, no correr dos tempos, formando-se, aos poucos, a nova cultura baiana.

De Lisboa vieram as primeiras alfaias utilizadas no serviço da Igreja, as primeiras ermidas e imagens, capelas, missais, azulejos, sinos e toda a arte que demonstraria seu esplendor no Brasil. De 1549 até 1763, durante os anos em que Salvador gozou o título de capital lusitana no novo mundo, foi estabelecida uma réplica fidedigna entre Lisboa e Porto. Cidade fundada sobre uma escarpa alta, dominada por uma larga faixa de água, cercada com fortes e torres.

O espírito religioso da época favoreceu o progresso das artes, a cidade cresceu com esta alcunha de esplendorosa, religiosa e bela. Foi principalmente instigado e fomentado desde seu primeiro bispo *in situ*, Dom Pedro Fernandes Sardinha em 1552 até à elevação da diocese a arcebispado em 1676 – Primaz do Brasil.

4.3 – Vigairaria de São Pedro Velho Extramuros

Monumento histórico e religioso, localizado na Praça da Piedade, Nº 11 – esquina com a avenida Sete de Setembro, cidade do Salvador, Estado da Bahia. Não possui registro de tombamento devido à demolição ocorrida em maio de 1913⁸⁷ (**Ver Apêndice III – Figura 31 e 32**).

⁸⁶ OTT, Carlos. *A Pintura na Bahia 1549-1850. História das Artes na Cidade do Salvador*. Bahia: Prefeitura Municipal do Salvador, 1967, p. 72.

⁸⁷http://www.paroquiadesaopedro.org/index_arquivos/Page1100.htm. Acesso em 03 de novembro 2020.

Devido a grandes mudanças ao longo dos anos, no entorno da praça da Piedade no centro histórico de Salvador; sequências de construções, adições e demolições marcaram a praça que tem importantes monumentos como a igreja e convento de Nossa Senhora da Piedade dos Capuchinhos e o Gabinete Português de Leitura, não existe registro edificado que data ao século XVII/XVIII, que liga a paróquia de São Pedro. A igreja matriz foi construída próxima ao Mosteiro de São Bento, no largo que passou a se chamar de São Pedro; a ideia inicial que a paróquia fosse chamada de São Pedro Velho Extramuros, por ficar fora dos muros da cidade.

No início do século XIX, a região já era bastante habitada por senhores de engenho que possuíam casa na capital, profissionais liberais e funcionários públicos. Na metade do século XIX, São Pedro deixa de ser um bairro estritamente residencial, dando lugar também a uma região de farto comércio, que “justifica”, à época, a demolição e a readequação urbana empreendidas. Demolir a igreja, recolocar fisicamente o espaço urbano da praça que seria rebatizada como praça da piedade e abertura da avenida Sete de Setembro foi o plano executado. Segundo Leite⁸⁸:

Sendo Salvador a cidade para qual convergiam todas as atividades do Estado – Certamente, refere-se aos diversos papéis que ela cumpre por se tratar de uma importante metrópole regional, concentrando funções administrativas, política, comercial e cultural, os melhoramentos eram justificados como extremamente necessários. Esta motivação, acompanhada por outras mais, ficou registrada no decreto nº 1109, de 25 de junho de 1912, que definia a abertura de crédito inicial para os primeiros trabalhos de remodelação da capital baiana. Pelo decreto, os melhoramentos justificavam-se como uma urgência higiênica e estética, bem como uma necessidade do progresso e da civilização que já eram notados em diversos estados do país.

O atual templo é o resultado de um ecletismo modista do início do século XX; uma arquitetura que fugia dos antigos hábitos e empregava uma leitura neogótica e neoclássica. O que resta hoje é apenas a placa na galilé da igreja, com uma breve história e o nome do primeiro arcebispo da Bahia – Dom Gaspar Barata de Mendonça, sem resquícios do seu tempo.

⁸⁸ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A civilização imperfeita: topicos em torno da remodelação urbana de Salvador e outras cenas de civilidade, 1912 – 1916*. Estudos ibero americanos. PUCRS, v. XXIV, 1, p. 95 – 129, 1998.

4.4 – Convento Santa Clara do Desterro

Monumento histórico e religioso, localizado na Rua do Desterro, S/N, bairro de Nazaré, cidade do Salvador, Estado da Bahia. Registro de tombamento Nº: 0030-T-38, no Livro de Belas Artes Inscrição:007 - Data:25-3-1938. O tombamento em esfera federal inclui todo o seu acervo, de acordo com a Resolução do Conselho Consultivo da SPHAN, de 13/08/1985, referente ao Processo Administrativo nº 13/85/SPHAN⁸⁹.

Ao falarmos das instituições que existiram na América portuguesa chamadas conventos, devemos entendê-las enquanto casas que faziam parte de determinadas províncias, com especificidades de reclusão criadas a partir da instituição da clausura, das suas regras e constituições específicas, que possuíam regentes subordinados aos provinciais. Assim, foi o caso do Convento do Desterro, primeira instituição feminina conventual na América portuguesa, fundado em 1677 na cidade de Salvador por quatro freiras Clarissas e duas mulheres para os serviços domésticos, todas portuguesas, oriundas do Convento de Santa Clara de Évora,⁹⁰ a instrução de Dom Gaspar Barata de Mendonça.

Segundo anotações do Frei António de Santa Maria Jaboatão⁹¹, na sua clássica publicação *Novo Orbe Seráfico*, deixa claras instruções e preocupações do atual arcebispo, *ainda residente na Corte de Lisboa*, com a subsistência das irmãs do Desterro:

A estas Noviças se lhes dilatarão as suas profissões além do anno costumado, seis mezes mais, com novas ordens do Arcebispo D. Gaspar Barata, ainda residente na Côrte de Lisboa, que mandava aos seus Governadores cá não admitissem as taes Noviças a profissão, sem que primeiro o Senado da CalDal'a lhes consignasse as renrlas, que havia prometido.

Eleita ainda em Lisboa enquanto Abadessa, em 12 de janeiro de 1677⁹², do futuro convento, Soror Margarida de Mendonça se predispôs de forma voluntária, juntamente com outras três irmãs, a transferir-se para o Brasil, mesmo com tantos inconvenientes e perigos.

⁸⁹ http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1107 (registro do tombamento). Acesso em 18 novembro 2020.

⁹⁰ JABOATÃO, Frei António de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasílico ou Crônica dos frades menores da província do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiniano Gomes Ribeiro, 1858, p. 664.

⁹¹ JABOATÃO, Frei António de Santa Maria. *op. cit.*, p. 660.

⁹² JABOATÃO, Frei António de Santa Maria. *op. cit.*, p. 644.

Assinava como Margarida da Coluna. Expressam notável desapego de tais religiosas, ao aceitar tal empreita de estabelecer o primeiro convento feminino da América. As mesmas religiosas se comprometeram em renovar seus votos antes de partir e aceitaram a subordinação do novo mosteiro ao prelado diocesano. Se Margarida de Mendonça tinha algum parentesco sanguíneo a Dom Gaspar Barata de Mendonça, não temos documentação que o comprove, apenas a relação de tal apelido.

Importa ressaltar a devoção mariana no Brasil colônia onde, de acordo com Azzi,⁹³ na obra: *Igreja Católica na Formação do Brasil*, o autor estabelece dois padrões femininos que influenciam diretamente a mulher na colônia brasileira: o primeiro tem inspirações em Maria Mulher, Mãe do Menino Jesus, designada por Deus com sua obediência e resignação e um segundo paramento por Eva, que permitiu a introdução do pecado no meio da família. Assim, a primeira versão é a mulher de descendência portuguesa, casta e batizada; já a segunda versão corresponde a uma mulher entregue ao pecado e à prostituição; justificando assim uma certa urgência em instituições femininas na colônia, sob a proteção de um recém arcebispado.

Sobre a formação edificada do convento do Desterro, ele é formado em torno de dois claustros, posto uma igreja num dos seus lados. A composição arquitetônica é realçada pelo campanário da primeira metade do séc. XVIII, com coroamento bulboso, situado a dividir os claustros (**Apêndice III – Figura 33**). A igreja possui nave única, capela-mor, "coro baixo" e "coro alto" e acesso lateral, altares em talha dourada e rica azulejaria dentro do templo; a decoração predominante neoclássica, fruto das diversas reformas até finais do século XIX (**Apêndice III – Figura 34**). Mas tais construções são referenciadas posteriormente à primeira administração arquidiocesana.

Outro ponto de destaque relativamente à fundação do convento e à vinda das irmãs Clarissas de Évora são os nomes: Madre Vitória da Encarnação, muito conhecida pelos seus dons extraordinários e falecida em 1715 com fama de santidade, assim como outras duas monjas com fama de santas, a Madre Maria da Soledade, falecida em 1719, e a *primeira Abadessa, Madre Margarida da Coluna ou Margarida de Mendonça*, falecida em 1743, afamadas como as “Três Santas do Desterro”, de acordo com Dom Sebastião Monteiro da

⁹³ AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008, p. 54-55.

Vide⁹⁴ em sua última publicação em 1720, exclusivamente sobre a Madre Soror Victoria da Encarnação.

4.5 – Vigairaria de Santo Amaro de Itaparica – Catu

Monumento histórico e religioso, localizado na rua da Chapada, S/N, bairro de Vera Cruz, ilha de Itaparica, cidade do Salvador, Estado da Bahia. O termo “Catu” era a antiga referência na linguagem Tupi a beleza ou bonito. Como a igreja foi edificada em alto morro da ilha de Itaparica com um belíssimo mirante sobre a Bahia de todos os santos, ficou apropriado Santo Amaro do morro bonito ou Santo Amaro do Catu.

Pouquíssimas ou quase escassas são as referências desta freguesia ou documentação relativa à mesma. Duas comprovadas fontes que referenciam o nome de Dom Gaspar Barata de Mendonça a tal vigairaria são o Catálogo elaborado por Vide⁹⁵ e o Mappa de demonstrativo do arcebispado da Bahia em 15 de março de 1860 – fl. 42⁹⁶ (**Ver apêndice III – Figura 35**). Este demonstrativo apenas data o ano da criação da freguesia em 1681 e o pároco nomeado: Egidio Barboza de Vasconcellos.

Em cartas arquivadas no Conselho Ultramarino, consta uma referência em 3 de agosto de 1687⁹⁷, na qual o provedor da Fazenda Real, Francisco Lamberto, escreve a Sua Majestade Pedro II, como foi edificada a igreja de Santo Amaro de Itaparica. Constam nas páginas 2 e 3 as invocações de Santo Amaro por orientação beneditina devido a uma grande quantidade de mortes, por variadas doenças, que acometiam a ilha de Itaparica no século XVII e por meio destes fatos o arcebispado tornou-se mais presente. Posteriormente, existe catalogado requerimento, em 20 de setembro de 1736⁹⁸, dos moradores e paroquianos a solicitar a El-Rey João V ajuda de custo para reedificar a igreja matriz.

⁹⁴ VIDE, Sebastião Monteiro da. *História da vida e morte da Madre Soror Victoria da Encarnação - Religiosa professa no convento de Santa Clara do Desterro da cidade da Bahia*. Estamparia de Joaquim Francisco das Chagas. Roma, 1720.

⁹⁵ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Catálogo dos Bispos que teve o Brasil até o anno de 1676... op. cit.*, p. XXI.

⁹⁶ Mappa de demonstrativo do arcebispado da Bahia; fl. 42; Comarca de Jacobina - Serviço de Reprografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Edição 0001, Anno 1860. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/130605/3024>. Cód.: TRB00109.0170. Coleção digital de jornais e revistas da Fundação Biblioteca Nacional.

⁹⁷ AHU - Coleção Luísa da Fonseca - Cx. 28\Doc. 3418.

⁹⁸ AHU – Coleção Bahia Avulsos - Cx. 57\Doc. 4881.

A necessidade do estabelecimento de uma vigairaria era muito mais que um procedimento padrão das execuções administrativas ou a imposição do poder eclesiástico na marcação de territórios. O caso específico do Santo Amaro do Catu, como especifica o Provedor baiano Francisco Lamberto em carta, admite a necessidade espiritual na intervenção das almas que padecem por diversos motivos, mas a presença da matriz edificada não apenas fisicamente fortalecia o espírito da época. Assim, Dom Gaspar Barata de Mendonça tentou remediar como foi possível seu rebanho a léguas tão distantes. Como lembra Dom Jaime de Barros Câmara⁹⁹: “Correspondente à suntuosidade das igrejas era a celebração(...) A poesia popular, em todas as línguas, oferecia motetos à devoção e entretenimento ao espírito”.

4.6 – Vigairaria Santo António da Jacobina Velha

Monumento religioso, localizado na praça da Bandeira, Nº - 01, atual município de Campo Formoso, Estado da Bahia. Vila criada em 28 de julho de 1880, assinado pelo governador da província da Bahia, substituindo o título da velha freguesia de Santo António do Sertão da Jacobina¹⁰⁰. Antiga freguesia criada por Dom Gaspar Barata de Mendonça em 1682 (**Ver apêndice III – Figura 36**),¹⁰¹ conforme dados fornecidos pela secretaria eclesiástica do arcebispado da Bahia em 15 de março de 1860 – fl. 43.

Sua história remonta ao início da colonização das terras do interior da Cidade de São Salvador no século XVI. Na área está localizado o Vale do Salitre, cujo rio do mesmo nome é afluente da margem direita do Rio São Francisco. (detalhe que a expansão da arquidiocese da Bahia seguia uma influência hidrográfica do Rio São Francisco). Hoje a cidade de Campo Formoso fica a 400 km da capital, Salvador. A formação da freguesia dá-se pelo garimpo; O Sertão da Jacobina é afamado como "cidade das esmeraldas, por existir um garimpo com

⁹⁹ CÂMARA, D. Jaime de Barros. Apontamentos de História Eclesiástica. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1945. p. 225.

¹⁰⁰ SANTOS, Livia Nunes dos; ROCHA, Julimar Santiago. *A Importância da Transparência para o Fortalecimento da Gestão Pública Democrática*. Id on Line Rev. Mult. Psic., 2019, vol.13, n.44, p. 892-904.

¹⁰¹ Mappa de demonstrativo do arcebispado da Bahia; fl. 43; Comarca de Jacobina - Serviço de Reprografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Edição 0001, Anno 1860. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/130605/3024>. Cód.: TRB00109.0170. Coleção digital de jornais e revistas da Fundação Biblioteca Nacional.

Esmeraldas no povoado de Tuúutiba, sendo consideradas as melhores esmeraldas encontradas lá, em comparação com outros garimpos de esmeraldas do Brasil.

Infelizmente não existem registros edificados e ou artísticos do século XVII ou XVIII. Com a extensa malha geográfica brasileira, cidades pequenas como Campo Formoso não desenvolveram uma mentalidade de preservação do patrimônio histórico, nunca houve uma fiscalização e ou proteção dos bens históricos e tomados por ondas desenvolvimentistas, como ocorreu na Cidade do Salvador no início do século XX, esvaiu ao longo dos anos seu patrimônio histórico material.

4.7 – Vigairaria Santo António de Villa Nova do Rio de São Francisco

Monumento histórico e religioso; localizado na Praça Gel. Oliveira Valadão, Nº - 148, cidade de Neópolis, Estado do Sergipe. O nome da cidade destoa do nome de registro histórico; registro de freguesia como Santo António de Villa Nova as margens do Rio São Francisco. Devido a consequentes demolições e reconstruções ao longo dos anos, não existem registros de proteção. Última intervenção concluída em 1959.

A necessidade da expansão e ocupação da região correspondente às margens do rio São Francisco, acentuou-se com a ocupação holandesa, liderada pelo príncipe comerciante Maurício de Nassau em 1637, quando começou a se dar a tomada do território sergipano. Após uma série de batalhas, Maurício de Nassau perseguiu as tropas vencidas até às margens do Rio São Francisco, fundando o Forte Maurício o qual mais tarde daria origem à cidade alagoana de Penedo, que seriam retomadas por tropas portuguesas após 1646, formando fortes laços na capitania de Sergipe d'El-Rey.

Importante grifar que os interesses holandeses e portugueses eram distintos: enquanto os primeiros tinham a finalidade de pilhar e ou extorquir os produtos locais para manter as suas companhias comerciais, sem interesse no controle da população indígena, os segundo tinha como objetivo principal o controle territorial, a proteção dos produtos locais para serem exportados no comércio europeu e o domínio da população nativa, principalmente por Sergipe ser uma ponte entre Bahia e Pernambuco; arquidiocese de Salvador e a recém-fundada diocese de Olinda.

Defronte a cidade de Penedo, ao outro lado do Rio São Francisco, a 8 léguas do mar, decide em 18 de outubro de 1679¹⁰² a criação da vigairaria de Santo António da Villa Nova a mando de Dom Gaspar Barata de Mendonça. Com termos de doação de terras, foi comprometido a construção de 30 casas sólidas, cadeia, pelourinho e casa de câmara, além da edificação da Matriz de Santo António. A importância desse *status quo* era uma transformação social, como diz Nunes¹⁰³:

Lembrando que o fato de elevar uma freguesia a espaços de capela para a paróquia, módulo de organização eclesiástica, ou seja, sua unidade territorial estabelece compromissos diretos com o estado na medida em que cabia aos padres organizar os dados sobre a vida dos moradores da comunidade (desde registro de casamento, batismo, óbito, organização dos quarteirões eleitorais). Enfim, eram responsáveis pelos registros referentes à vida civil dentro do território eclesiástico. Em relação às freguesias.

Tais esforços do dito arcebispo colheram em poucos anos notórios frutos. Nos arquivos ultramarinos referentes ao Brasil – Sergipe encontra-se na solicitação de João Mendes de Aragão a El-Rey D. João V a elevação de freguesia para Vila em 4 de setembro de 1728¹⁰⁴. Mais solicitações de esmola anual para a construção de nova matriz de pedra e cal em 1732¹⁰⁵. Sinais do desuso da primeira matriz (**Apêndice III – Figura 37**). Em 1733, a povoação foi elevada oficialmente à categoria de vila com a denominação de Villa Nova Del Rey.

4.8 – Vigairaria de Santo António e Almas

Monumento histórico e arqueológico em ruínas; localizado na cidade de Itabaiana, Estado do Sergipe. Devido à grande expansão territorial da região do Sergipe d’El-Rey a

¹⁰² <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/neopolis.pdf>. Acesso em 18 dezembro.

¹⁰³ NUNES, Verônica Maria Menezes. *Cultura material e território eclesiástico: Uma leitura zooiconográfica em igrejas coloniais de Sergipe Del Rei entre os séculos XVII – XVIII*. Tese de doutoramento. UFSE – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2018. p.66.

¹⁰⁴ AHU_ACL_CU_022, Cx. 2\Doc. 195 – Sergipe d’El Rey.

¹⁰⁵ AHU_ACL_CU_005, Cx. 41\Doc. 3735 – Requerimento do vigário Bento Soares da Fonseca, de Santo António de Villa Nova do arcebispado da Bahia.

criação da Vigairaria de Santo António é determinada por Dom Gaspar Barata de Mendonça em 30 de outubro de 1675¹⁰⁶.

A formação e estruturação do território sergipano impulsionou a instauração de núcleos populacionais, motivando assim o desenvolvimento das práticas religiosas no cotidiano local, o que fez surgir o território do sagrado, a partir da criação de paróquias e freguesias cujos limites se modificavam à medida que novas paróquias e freguesias eram erigidas ou desmembradas de suas antigas freguesias o que tornava esses limites bastante flexíveis. Assim surgiu a primeira edificação de Itabaiana a Santo Antônio que depois caiu em desuso erguendo-se nova matriz a 5 km de distância das ruínas.

Da igreja antiga ainda pode-se deduzir pelo tamanho, construção e fachada (**Ver Apêndice III – Figura 38**). A velha igreja de Itabaiana é um dos mais antigos testemunhos das primeiras décadas de integração do território sergipano ao projeto colonial português; um marco que a religião precede o político, sendo Santo António e Almas a vigairaria mais distante do litoral sergipano até meados do século XVIII. Sergipe foi um grande cenário de disputas e abastecimentos durante o século XVII. Neste sentido, Felte Bezerra¹⁰⁷, relata:

Fugia-se do holandês e até do português, pois ambos viviam atrás do gado para a alimentação de seus homens. Sergipe se tornara deste modo, verdadeiro manancial de abastecimento, por isso que ficou literalmente extenuado depois dos acontecimentos bélicos.

Lembrando que a área sergipana foi palco de diversas invasões holandesas comandadas pelo príncipe Maurício de Nassau, não se pode negar a influência flamenga na região, durante o primeiro quartel do século XVII¹⁰⁸. Cito o pesquisador da influência holandesa no nordeste brasileiro, Carvalho¹⁰⁹:

Não só holandeses, mas outros em pequena escala, foram os alemães, ingleses, noruegueses, escoceses, todos escalados do exército europeu para a Companhia das Índias Ocidentais, vindas às terras brasileiras por ocasião da invasão holandesa em Recife.

¹⁰⁶ SANTOS, Maria Nele dos. *A vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)*. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1984. p.26.

¹⁰⁷ BEZERRA, Felte. *Etnias Sergipanas*. 2 ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1984. p. 48.

¹⁰⁸ BARLEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

¹⁰⁹ CARVALHO, V. S. *Vila de Santo Antônio de Itabaiana*. Prefeitura municipal de Itabaiana – Se. Itabaiana, 2009.

Foi extremamente enriquecedor na minha ótica pessoal, após essa pesquisa, chegar à construção intelectual da formação desta região do Brasil, tão pouco abordada dentro do próprio país. Como em finais do século XVII, tão rico mote cultural influenciou a região de Sergipe d'El-Rey, principalmente com a influência direta flamenga, destaco tão diferente sotaque e costumes dessa região do Brasil

4.9 – Vigairaria Nossa Senhora da Piedade – Villa do Lagarto

Ao seguir passos tão longínquos da influência de Dom Gaspar Barata de Mendonça, encerra com o dito “chave de ouro”. Inicialmente um povoado próximo a Itabaiana, desmembramento de Santo António e Almas¹¹⁰ destinado à devoção a Nossa Senhora da Piedade do povoamento de Lagarto. Coincidência ou não, povoamento com nome de Villa do Lagarto rememora a Sardoal ou sardões – lagartos; criada a vigairaria em 1679. Cito Nunes¹¹¹ sobre a colonização de Sergipe:

Criada como freguesia em 1679, em 1697 foi elevada a categoria de vila. Em 1700 já se encontrava instalada a câmara e nomeados os funcionários necessários ao funcionamento da administração municipal. A economia respaldada na criação de gado, daria a vila a marca essencialmente rural de sua população.

Nestas literaturas acerca do Sergipe colonial, é curiosa a passagem sobre certo vigário não satisfeito com o local em que se encontrava a capela, e que solicitou ao Arcebispo a mudança da sede e do nome da invocação da localidade a qual passa a ser denominada de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, cerca de 40 km de Santo António e Almas. Talvez por sugestão do arcebispo, que mesmo com a criação de sua freguesia ainda era administrada eclesiasticamente pelo termo da freguesia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana a quem, desde 1675, estava subordinada.

Outro ponto importante salientar é que Santo António das Almas e Villa da Nossa Senhora da Piedade do Lagarto não estão declaradas nos registros de Dom Sebastião Monteiro

¹¹⁰ DANTAS, Pedriane Barbosa de Souza. *Pelos Caminhos d'água, pelas rugosidades da terra: A construção territorial de Sergipe d'El Rey*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

¹¹¹ NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Colonial II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 182.

da Vide. Doutor Claudefranklin Monteiro Santos¹¹² indica extensa pesquisa sobre a formação religiosa, política e social do interior de Sergipe. Acerca da Villa do Lagarto e da sua relação com Dom Gaspar Barata de Mendonça ele apresenta:

A imagem de Nossa Senhora da Piedade, por exemplo, teria sido uma encomenda do Frei Geraldino de Santa Rita Loiola ao Arcebispo da Bahia, Dom Gaspar Barata de Mendonça. Ela é entronizada no dia 5 de setembro de 1679¹¹³. No mesmo ano, como consequência do progresso religioso da região, é criada a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto.

O referido autor desenvolve em seu texto pesquisas colhidas por fontes orais, coletadas na região que ainda carecem de comprovação histórica, com destaque para a criatividade da população da Villa do Lagarto, além de discorrer sobre o histórico da imagem de madeira de Nossa Senhora da Piedade de tamanho natural. Tal imagem deveria ter ido para a cidade do Salvador e uma réplica, em tamanho menor, ter ficado na vila; fato esclarecido que o Frei Geraldino de Santa Rita (quem solicitou a encomenda) era Carmelita e não houve qualquer ligação com os freis Capuchinos de Salvador da Bahia, que supostamente seriam proprietários da imagem, pela titularidade do seu convento/província de Nossa Senhora da Piedade. A praça que hoje leva seu nome era chamada Praça de São Pedro Velho, local já descrito sobre a vigairaria de São Pedro Velho Extramuros.

As consultas efetuadas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, corroboram com a doação de Dom Gaspar Barata de Mendonça à longínqua Villa do Lagarto. A imagem é uma belíssima execução (**Ver Apêndice III – Figura 39**) em tamanho natural, entalhada em madeira, dourada e finamente policromada, com documentos que comprovam a datação do século XVII. A imagem abrilhanta o altar de talha dourada, com estilo neoclássico. Visivelmente o altar foi confeccionado posteriormente à vinda da imagem para a freguesia. Mais um testemunho de devoção marianas e de devoção franciscana do Arcebispo, com especial destaque para Santo António.

¹¹² SANTOS, Claudefranklin Monteiro. *A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013. p.80.

¹¹³ Segundo publicação de SANTOS: *Apresentação da imagem de Nossa Senhora da Piedade ao Curato da Piedade da dita Vila no Arcebispado de Dom Gaspar Barata de Mendonça, de 05 de setembro de 1679. Livro 91 – fol. 173. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Portugal.*

Considerações finais

A forma como a Igreja Católica auxiliou a coroa portuguesa na expansão e demarcação de territorialidade atribui conceitos de flexibilidade e adaptabilidade ao tempo e espaço, característicos da forma portuguesa de colonizar; uma forma híbrida e arquetípica com a figura da cruz e do clero sempre à frente. O povo português soube se adaptar para colonizar, permitindo uma permuta cultural que enraizou nos sotaques, alimentação, artes e religião, numa troca fluente entre a metrópole e todas as suas colônias que enriquece a cada canto onde o império lusitano se apropriou.

Como símbolo desse mundo híbrido, uma igreja; seja ela capelinha ou basílica, rural ou metropolitana, uma vigairaria, uma freguesia fundada e uma igreja matriz edificada sempre foi um sinal das artes, da organização social e da espiritualidade que uma diocese levava aos confins mais afastados do reino. Em uma igreja portuguesa na colônia, enxergava a beleza das talhas douradas e via brilhar o ouro que era explorado das jazidas; via as lindas formas chinesas e diversos olhos puxados em cada figurativo a base de Chinoiserie; ouvia latim nas missas e nos cânticos, embalados por foles, cordas e percussões, mesmo que não compreendessem o que era entoado, mas a teatralidade envolvia a quem se prestava a adentrar um templo.

Depois começou a híbrida manifestação cultural africana, com santos negros, cultos africanos e mulçumanos incorporados tão automática e naturalmente que o português nem se dava conta desta incorporação cultural e completavam um colonizador multicultural. Tais estratégias naturais de colonizar junto com a Igreja Católica Romana, que trasmuta o espaço e fronteiras entre Portugal, Brasil, Benim, Macau, Goa e Diu. Estratégias de domínio colonial para sobrevivência do seu mundo social, mesmo quando não estavam mais presentes naqueles domínios.

A Igreja Católica Portuguesa, além do seu pleno nacionalismo e devoção à coroa, tinha uma certeza inata de sua missão no mundo novo, expansão de fé e dispersão de sua cultura à medida e motivada por cada légua adentro do território que penetrava. Embora o mundo português inicialmente devotou seus esforços ao Oriente, se esquecendo da América, mas momento tão importante para nossos mundos foi a reconquista das costas brasileiras, após as invasões francesas e holandesas, no que compreende o recorte histórico retratado nessas páginas anteriores.

Dom Gaspar Barata de Mendonça incorporou muitíssimo bem tais preceitos de uma administração flexível, que conciliava para sobreviver e edificar. Esse pulsar híbrido que é

marcado na própria Vila do Sardoal, marcado na pedra calcária, na bandeira da misericórdia, no seu próprio túmulo que levou para a posteridade a linha de um bispo político, cultural e espiritual. Uma erudição de cânones e saberes literários e artísticos, um agente que tinha plena consciência no papel fundamental de cada freguesia que era determinada.

Discorrer sobre estas páginas, fotografias, fólios e muitos, muitos quilômetros; tentei esclarecer ao máximo possível os passos de um agente que morreu em sentimento por não concretizar sua última missão, vir atuar e promover sua arquidiocese além-mar. Desde as sombras dos freixos no Sardoal; ao mirar as águas do Mondego em Coimbra, ir até o calor dos trópicos na Baía de Todos os Santos, tentei seguir as edificações artísticas e administrativas deste pontífice que esquecido, descansa aos pés de Nossa Senhora da Caridade, na vila dos Sardões.

Dom Gaspar Barata de Mendonça é um nome, quase por esquecido no correr da história Luso-Brasileira. Em suma maioria dos casos, apenas o primeiro nome na lista arquidiocesana de Salvador; sinto-me honrando em desvendar algumas camadas impostas pelo tempo, ao que abraça este nome. Em linhas gerais, em contato com os próprios bispos e arcebispos atuais da Bahia, não tem maior conhecimento sobre este primeiro arcebispo, apenas um ou outro que lhe atribui apenas a triste alcunha de “O Ausente” – Tal referido é um tópico da publicação do Monsenhor Walter Magalhães – “Pastores da Bahia”.

Os passos em direção a cada igreja que foi planejada ou não por Dom Gaspar e sua mesa administrativa era um norte em busca deste patrimônio, que fora preservado ou não. O encontro de belezas ainda salvaguardadas ou de importantes monumentos desprezados e abandonados à sorte, fé ou acaso, tanto em Portugal quanto no Brasil, mas possível ainda de conhecer os pontos mais relevantes da atuação desta gestão arquidiocesana. Quantas lutas, benemerências, esforços e doações, nos campos missionários, pastorais e sociais.

Associamos assim o século XVII com a edificação de templos, sociedades e costumes no Brasil. Com generosas contribuições de paroquianos, prelados, bispos e missionários. Claro que houve muita obscuridade, desvios, corrupções em jogos pessoais de interesse, mas nosso foco não é uma história do medo, mas sim da luz, coragem e heroísmo daqueles que ousaram edificar um país com proporções de um continente, com todas as dificuldades e adversidades que lhes foram impostas.

Houve esforços gigantescos para levar o evangelho e a demarcação concisa de territórios, associados aos esforços artísticos de cada um que trabalhou nas igrejas e freguesias citadas no decorrer deste trabalho. Suor, sangue e lágrimas, realmente o século XVII despontou como um divisor de águas na história dos nossos continentes em comum, uma época decisiva

para Igreja no Brasil, na qual os arquivos ultramarinos, da Torre do Tombo, da cúria metropolitana da Cidade do Salvador e do arquivo público do Estado da Bahia são instrumentos sólidos que atestam o quanto melhor foi realizado, sem termos a pretensão anacrônica de nos tornarmos julgadores da história.

Somos honrados e gratos por toda edificação que estes grandes homens construíram para nós, seja no âmbito material ou imaterial. Louvados sejam seus esforços, que colhemos hoje. Tanta graça e beleza pintada, estucada, talhada, esculpida e dourada por esses grandes instrumentos de nossa história. Minha eterna gratidão.

Índice de Ilustrações

Figura 1 – Disciplina “Instituta”	64.
Figura 2 – Exame de Bacharel	65.
Figura 3 – Gravura da Officina Pascoal da Sylva – 1719	66.
Figura 4 – Gravura – Arcebispos de São Salvador da Bahia	67.
Figura 5 e 6 – Recortes – Dom Gaspar Barata de Mendonça	68.
Figura 7 – Carta em Punho	69.
Figura 8 – Túmulo – Dom Gaspar Barata de Mendonça	70.
Figura 9 e 10 – Casa Grande do Sardoal	71.
Figura 11 e 12 – Detalhes do Pórtico	72.
Figura 13 e 14 – Brasão Episcopal – Casa Grande	73.
Figura 15 – Interior Capela da Casa Grande	74.
Figura 16 e 17 – Lavabo de Sacristia	75.
Figura 18 – N. S. do Carmo – Altar-mor	76.
Figura 19 e 20 – Convento da Caridade e Placa de Mecenato	77.
Figura 21 – Brasão Episcopal – Estuque	78.
Figura 22 – Localização Capela-mor	79.
Figura 23 – Brasão Arquiepiscopal – Túmulo	80.
Figura 24 – Bandeira da Misericórdia	81.
Figura 25 e 26 – Capela Nossa Senhora da Lapa	82.
Figura 27 – Estuque e Azulejos da Capela da Lapa	83.
Figura 28 – Antiga Cartografia da Província do Brazil – 1666	84.
Figura 29 e 30 – Demonstrativo Impresso do Arcebispado da Bahia – 1860	85.
Figura 31 – Placa frente à Igreja de São Pedro – Piedade/Salvador	86.
Figura 32 – Antiga Matriz de São Pedro Velho Extramuros	86.
Figura 33 – Vista do Claustro do Desterro	87.
Figura 34 – Interior da Igreja do Desterro	87.
Figura 35 – Igreja Santo Amaro de Itaparica – Catu	88.
Figura 36 – Matriz de Santo António do Sertão da Jacobina	89.
Figura 37 – Ruínas da Antiga Igreja de Santo António de Vila Nova	90.
Figura 38 – Igreja Matriz de Santo António de Vila Nova	90.
Figura 39 – Imagem de Nossa Senhora da Piedade – Lagarto/SE	91.

Apêndice I – Dom Gaspar Barata de Mendonça

Este apêndice restringe somente a persona Dom Gaspar Barata de Mendonça; como documentos, gravuras e referências visuais que ajudaram a construir uma identidade de um arcebispo que ao longo desta pesquisa acadêmica, confirmou sua opção: Uma vida eclesiástica simples e singela.

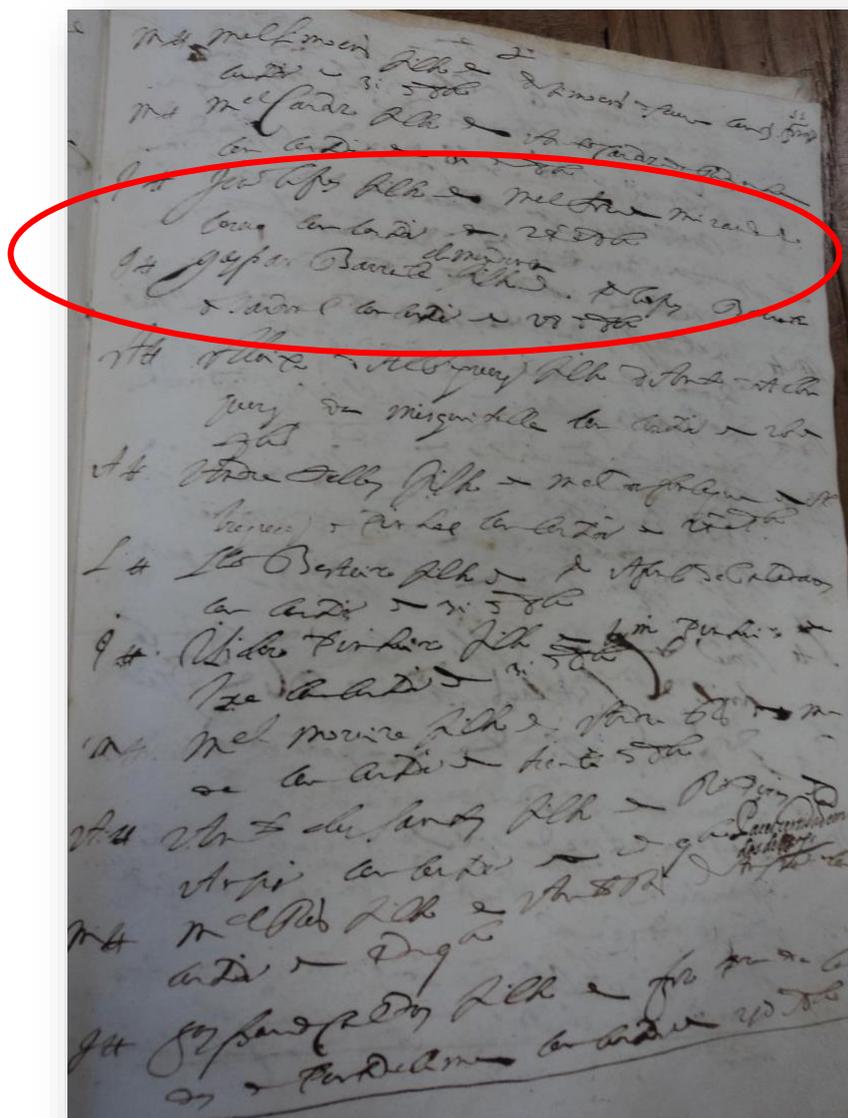


Figura 01: Disciplina “Instituta”

Matrícula de Gaspar Barata do Sardoal na Universidade de Coimbra. - Disciplina “Instituta” – Disciplina obrigatória antes da frequência do curso de “Cânones” - Fonte: AUC - “Matrículas”, vol. 9, AUC-IV-1ª D-1-3-17 - Foto: Doutora Lina Madeira – Novembro/2019.

47. Exame de Bacharel de Gaspar Barata
do Sardoal
Em os 22 dias do mes de julho do presente anno de 1651
anno no sala dos actos da P. estando presente D.º João Leite
de Aguiar Padrinho neste acto os mais adjuutos e legos em
presença de toda a sua P. de ponto de 24 horas
Barata do Sardoal p.º acto de Bacharel em o examinação
e votamõs p.º acto de Bacharel em o examinação
Discrepante e juro a lousas de Nossa. Inom. E legos scilicet
Padrinho he deu o juro na forma do Estatuto Mathew Taurus e juro
em ausencia do Secretario

D.º [Signature]

Figura 02: Exame de Bacharel

Exame de Bacharel em Cânones de Gaspar Barata do Sardoal – Aos 22 dias de julho de 1651.
Fonte: AUC “Actos e Graus”, vol. 34, AUC-IV-1.ª D-1-1-34 - Foto: Doutora Lina Madeira -
Novembro/2019.

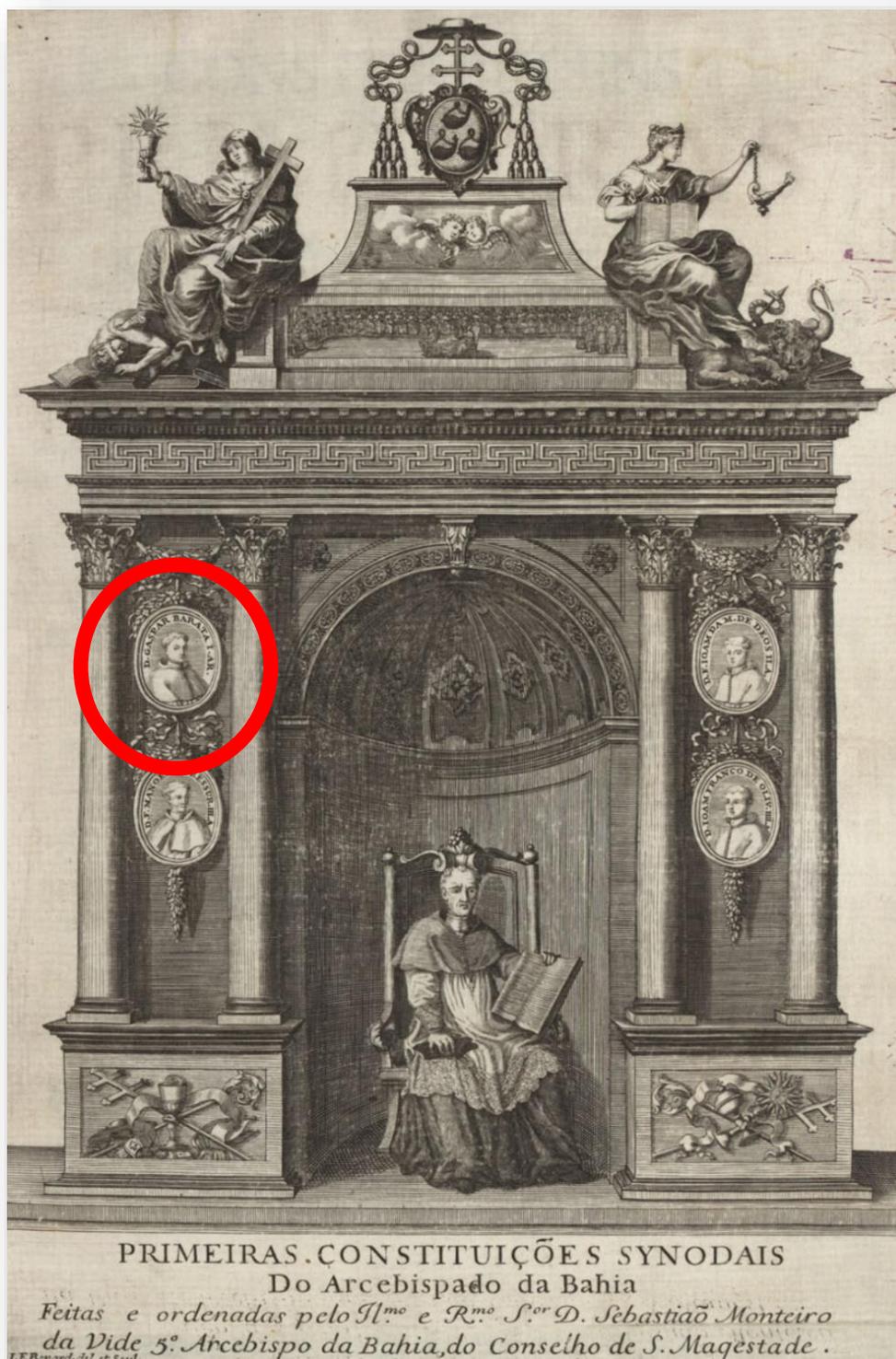


Figura 03: Gravura da Officina Pascoal da Sylva – 1719

Gravura confeccionada em metal; assinada por I.F. Benard. Del. Et Scuf. Contra - Capa Reproduzida na edição de 1719, da Real Officina de Pascoal da Sylva – Impressor de Sua Majestade. Detalhe: Dom Gaspar Barata de Mendonça Fonte: VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Lisboa Occidental. Officina Pascoal da Sylva, 1719.



Figura 04: Gravura Arcebispos de São Salvador da Bahia – Sem Data.

Gravura confeccionada em Papel-tinta; sem autoria; sem data. Pela disposição dos arcebispos: Produzida a mando de Dom Jerônimo Tomás da Silva (Figura Central) – Arcebispo de São Salvador entre 12 de setembro de 1893 – 19 de fevereiro de 1924. Propriedade do Museu Arquidiocesano de Salvador - Foto: Ricardo Moreira – Novembro/2019.



Figura 05 e 06: Recortes – Dom Gaspar Barata de Mendonça
Recortes das figuras 03 e 04

Foto 05: Ricardo Moreira Novembro/2019 – Recorte 06: Fonte - I.F. Benard

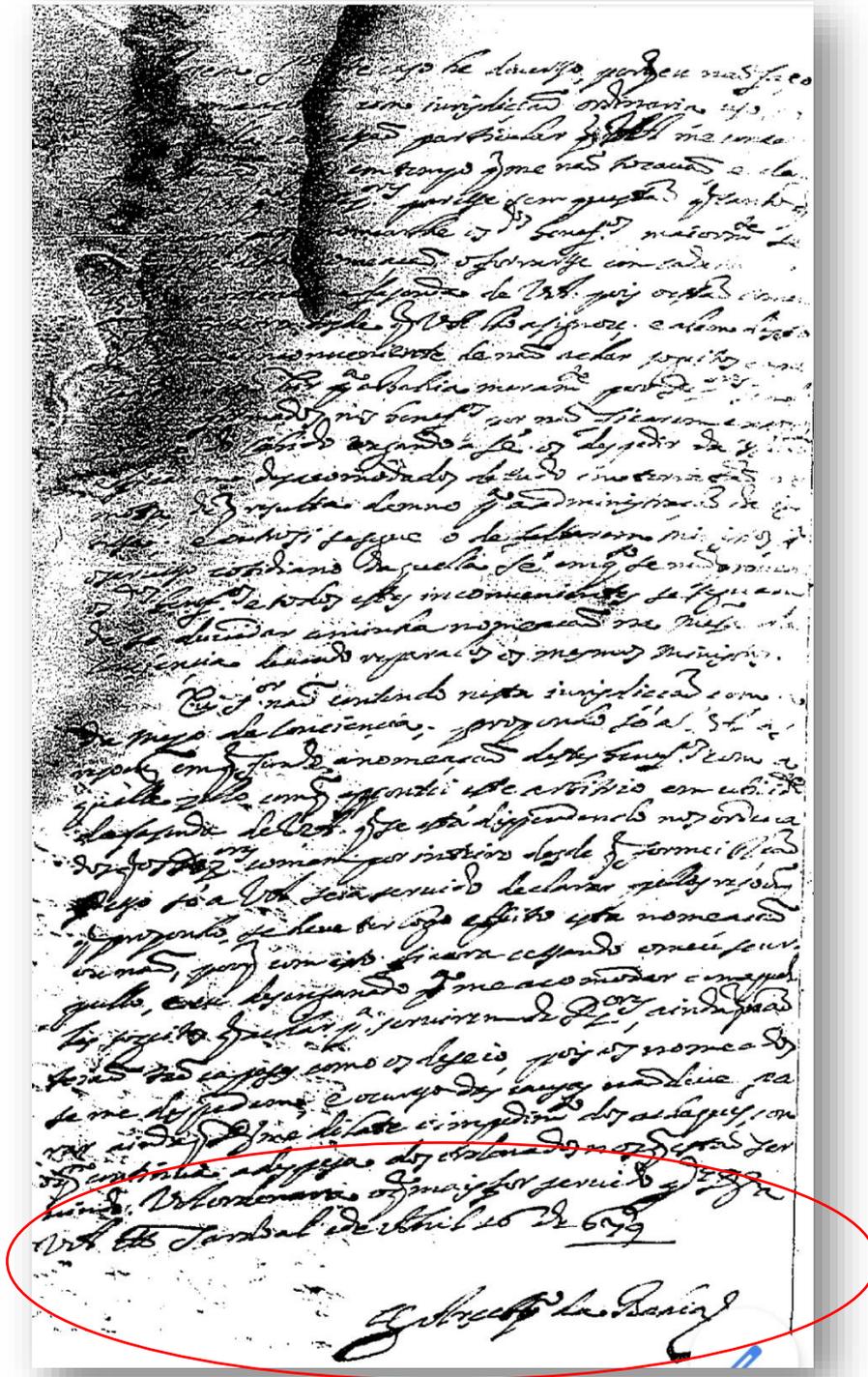


Figura 07: Carta em Punho

Carta escrita em punho por Dom Gaspar Barata de Mendonça, sobre a nomeação de Desembargador para Tribunal Eclesiástico – Sardoal, 16 de abril de 1679. Detalhe: Assinatura “Arcebispo da Baía” - Fonte: AHU – Projeto Resgate-Bahia, Coleção Luiza da Fonseca, cx. 24, doc. 2840.



Figura 08: Túmulo – Dom Gaspar Barata de Mendonça.

Túmulo confeccionado em pedra calcária, dourado e policromado. Posto do lado da epístola na capela-mor do Convento Nossa Senhora da Caridade do Sardoal. Com Lápide esculpida, informando o seu padroado a esse convento reedificado por próprios recursos. Foto: Ricardo Moreira – Fevereiro/2019.

Apêndice II – Mecenato e Ligações: Sardoaal



Figura 09 e 10 – Casa Grande do Sardoaal

Edifício do Séc. XVIII - Casa Grande ou Casarão dos Almeidas. Construção sofreu diversas alterações de acordo com seus vários proprietários. Pertenceu a família Moura e Mendonça. Figura 09 em destaque a capela dedicada à Nossa Senhora do Carmo - Foto: Ricardo Moreira – Janeiro/2019.



Figura 11 e 12 – Detalhes do Pórtico

Pórtico em pedra calcária – Frontão curvo interrompido com acesso a sacada, piso superior do edifício. Detalhe figura esculpida em pedra calcária – Índio com Cocar. Foto Ricardo Moreira – Janeiro/2019.



Figura 13 e 14 – Brasão Episcopal – Casa Grande

Pintura em textil (Provavelmente linho), apresenta o brasão episcopal do primeiro arcebispo da Baía, constituindo ornato central do forro; salão nobre, segundo piso – Casa Grande dos Almeidas – Sardoal - Foto: Ricardo Moreira – Janeiro/2019.



Figura 15 – Interior – Capela da Casa Grande

Capela dedicada à Nossa Senhora do Carmo, em estilo rococó; composta de única nave que se comunica com a Casa Grande com acesso ao coro – alto; acessos laterais a sacristia, recheada com lavabo. Foto: Joana Martins – Outubro/2019.



Figura 16 e 17 – Lavabo de Sacristia

Lavabo de sacristia em pedra calcária. Pertence ao conjunto da capela Nossa Senhora do Carmo, anexa a Casa Grande. Detalhe ao curioso índio de olhos grandes, abertos, amendoados e cocar sobre a cabeça. Foto: Ricardo Moreira – Janeiro/2019.



Figura 18 – N. S. do Carmo – Altar Mor

Imagem devocional entalhada em madeira, dourada, estofada e policromada. Observação ao rigor da talha e douramentos - Séc. XVIII. Medidas: 1,20 x 70 x 35 cm - Foto: Ricardo Moreira – Janeiro/2019.

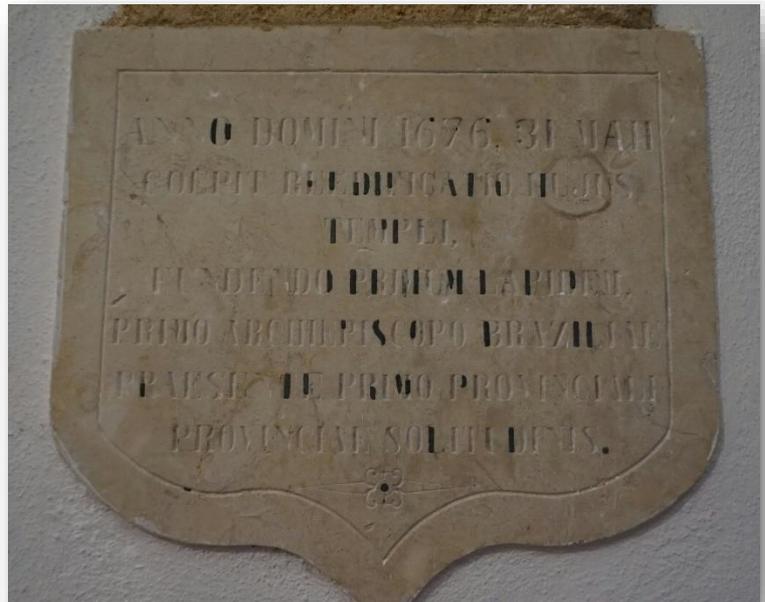


Figura 19 e 20 – Convento da Caridade e Placa de Mecenato

Convento de Santa Maria da Caridade. Obra de reforma e ampliação custeada pessoalmente por Dom Gaspar Barata de Mendonça; conforme placa indicativa em 31 de maio de 1676. Foto: Ricardo Moreia – Fevereiro/2019.



**Figura 21 – Brasão Episcopal –
Estuque**

Brasão pintado em estuque rebocado e caiado. Apresenta nitidamente as armas escolhidas por Dom Gaspar Barata de Mendonça para formatação da sua insígnia arquidiocesana num escudo esquartelado. Estuque de forro da capela mor, igreja no Convento da Santa Maria da Caridade, na qual o mesmo é patrono - Foto: Ricardo Moreira – Fevereiro/2019.



Figura 22 – Localização – Capela- Mor

Fotografia indicativa a pintura do estuque e placa de mecenato. Foto: Ricardo Moreira – Fevereiro/2019.



Figura 23 – Brasão Arquiepiscopal – Túmulo

Brasão esculpido em pedra calcária, dourado e policromado. Apresenta nitidamente as armas escolhidas por Dom Gaspar Barata de Mendonça para formatação da sua insígnia arquidiocesana. Brasão esquartelado com as famílias: Superior esquerda – Mendonça; Superior direita – Moura. Coroando seu túmulo, na capela mor do Convento de Nossa Senhora da Caridade, Sardoal. Foto: Ricardo Moreira – Fevereiro/2019.

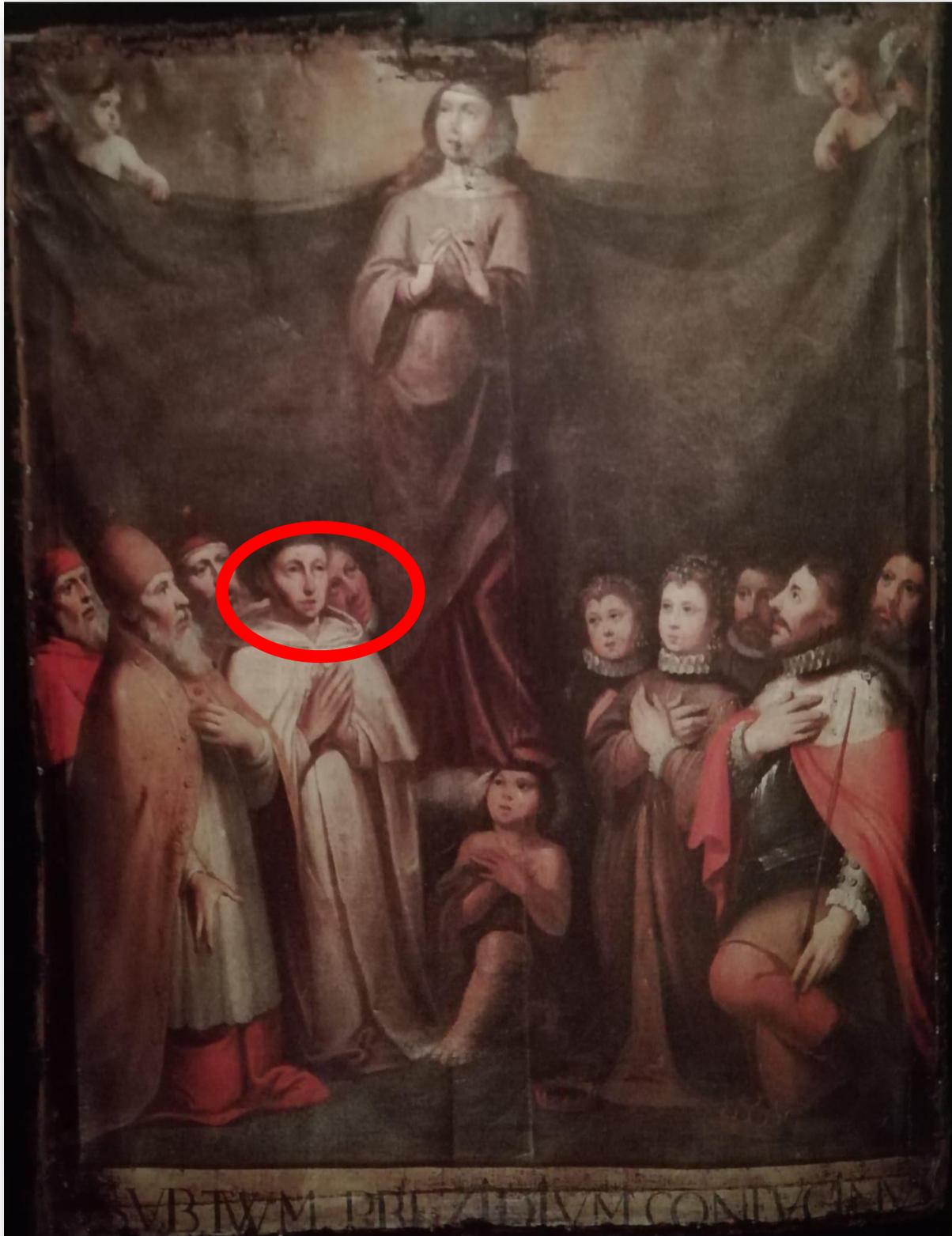


Figura 24 – Bandeira da Misericórdia

Bandeira da Misericórdia de Nossa Senhora; propriedade da Igreja da Misericórdia do Sardoal. Óleo sobre tela; 126 x 99 cm. Autor: Desconhecido. Destaque para clérigo desconhecido ao lado do Frei Contreiras e Criança com feições indígenas, aos pés da N. S. da Misericórdia – Foto: Ricardo Moreira – Fevereiro/2019.



Figura 25 e 26 – Capela Nossa Senhora da Lapa

Capela maneirista do Séc. XVII. Construída em alvenaria, rebocada e caiada. Localizada próximo a Quinta de Arcez. Último local de devoção de Dom Gaspar Barata de Mendonça. Detalhe para estuque, altamente decorado com brutescos e figurativos referentes a Nossa Senhora da Lapa. – Foto: Ricardo Moreira – Maio/2019.



Figura 27 – Estuque e Azulejos da Capela da Lapa

Estuque em formato de berço; ricamente decorado com brutescos e figurativos maneiristas. Destaque para azulejaria policromada. Observação: Interior de tal capela realmente surpreende por tamanho fino trato a local, hoje distante e abandonado. – Foto: Ricardo Moreira – Maio/2019.

Apêndice III – Baía: Cidade do Salvador e adjacências



Figura 28 – Antiga Cartografia da Província do Brasil – 1666

ALBERNAZ II, João Teixeira. Província do Brasil - 1666. In: Catálogo da exposição: Histórica Cartographica Brasiliis in Biblioteca Nacional. Tesouros dos séculos XV ao XX. Fundação Biblioteca Nacional, 2015. p.20.

MAPPA demonstrativo do Arcebispado da Bahia.

COMARCA DA CAPITAL.

NÚMEROS	FREGUESIAS.	CRIAÇÕES.	PAROCHOS
1.	Nossa Senhora d'Ajuda, de Jaguaripe.	1625. Sé de Vacante.	Honorio José de Lemos.
2.	Nossa Senhora d'Ajuda, do Bom Jardim	Lei de 8 de abril de 1839.	José Maria Machado.
3.	Santo Amaro, da Purificação.	Já estava creada em 1608.	José Joaquim Teixeira dos Santos.
4.	Santa Anna do Catú	Pedro Antonio Torres.
5.	Santo Antonio Alen do Carmo, na cidade	1648. Pelo bispo D. Pedro da Silva Sampato	Pedro Antonio de Campos.
6.	Santo Amaro, do Catú	1681. Pelo arcebispo D. Gaspar Barata de Mendonça.	Egydio Barboza de Vasconcellos.
7.	Santo Antonio, das Alagoinhas	Alvara de 7 de novembro de 1816.	Antonio Martins da Silva Telles.
8.	Santa Anna da Aldeia	Resolução de 2 de junho de 1840	Joaquim José de Goes Tourinho.
9.	Santa Anna da Feira (S. José de Itaporocas).	1696. Pelo arcebispo D. João Franco de Oliveira	José Tavares da Silva.
10.	Santa Anna do Camisão.	Manoel Alvares Moreira.
11.	Santa Anna, da Ilha de Maré	Resolução de 19 de julho de 1832.	José Barretto Falcão.
12.	Santa Anna, da Serrinha	Lei do 1.º de junho de 1838	Francisco Furtado de Mendonça.
13.	Santo Antonio de Jesus.	Lei de 19 de junho de 1853.	José do S. Bento

COMARCA DE JACOBINA.

NÚMEROS	FREGUESIAS.	CRIAÇÕES.	PAROCHOS.
1.	Santo Antonio, da Villa de Jacobina	Em 1752.	Theotonio Barbosa de Miranda.
2.	Santo Antonio, das Queimadas.	Lei de 19 de Maio de 1842	Domingos Jacome d'Oliveira Barros.
3.	Nossa Senhora das Dores, de Monte Alegre.	Lei do 1º de Junho de 1838.	Manoel Nicolao Ferreira Leal.
4.	Nossa Senhora da Graça, do Morro do Chapéo	Lei do 1º de Junho de 1838.	Joaquim Ignacio de Vasconcellos.
5.	Nossa Senhora da Saúde, de Jacobina.	Lei do 1º de Junho de 1838.	Paulino Serapião d'Almeida Santos.
6.	Santo Antonio, da Jacobina Velha	1682. Pelo arcebispo D. Gaspar Barata de Mendonça	Caetano dos Santos Lima.
7.	Santissimo Coração de Jesus, do Riachão	Lei do 1º de Junho de 1838.	João Pedreira Lana.
8.	Senhor do Bomfim, da Villa Nova da Rainha.	Alvara de 12 de Dezembro de 1812	Luiz Correia Caldas Lima.
9.	Nossa Senhora da Conceição, do Gavião.	Lei de 31 de Dezembro de 1857.	Joaquim Gonçalves dos Santos.
10.	Nossa Senhora da Conceição, do Mundo Novo.	Lei de 31 de Dezembro de 1857.	Antonio Cerqueira Daltro Pinto.

Figura 29 e 30 – Demonstrativo Impresso do Arcebispado da Bahia – 1860.

Reprografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; Edição 0001, Anno 1860. Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/130605/3024>. Cód.: TRB00109.0170. Coleção digital de jornais e revistas da Fundação Biblioteca Nacional.

A Paróquia de São Pedro foi criada em 1679, pelo primeiro Arcebispo da Bahia Dom Gaspar Barata de Mendonça. Existiu uma primitiva capela nas proximidades do Forte de São Pedro, no Campo Grande, construída em 1554. A antiga Igreja Matriz foi erguida no século XVIII, no largo onde hoje está o Relógio de São Pedro, sendo demolida em 1913, para abertura da Avenida Sete de Setembro. Esta atual Igreja de São Pedro, na Praça da Piedade, foi inaugurada em 2 de dezembro de 1917.

The first Archbishop of Bahia D. Gaspar Barata Mendonça founded the Saint Peter's Parish in 1679. The earliest small Saint Peter's church was built in 1554 and was located near Saint Peter's Fort at "Campo Grande" Square. The previous mother church was built in the 18th century in the square where the Saint Peter's Clock is located now. It was demolished in 1913 to be constructed the "Sete de Setembro" Avenue. This present Saint Peter's mother church facing "Piedade" Square was inaugurated in December 2, 1917.

Figura 31 – Placa Frente à Igreja de São Pedro – Piedade/Salvador

Placa indicativa a vigairaria de São Pedro, fundada a intercessão de Dom Gaspar Barata de Mendonça. – Foto: Ricardo Moreira – Dezembro/2019.



Figura 32 – Antiga Matriz de São Pedro Velho Extramuros

Antiga igreja matriz de São Pedro, antes a demolição. Freguesia criada por Dom Gaspar Barata de Mendonça em 1679 - Foto: [História\(paroquiadesaopedro.org\)](http://História(paroquiadesaopedro.org)) - Acesso: Dezembro/2020.



Figura 33 – Vista do Claustro do Desterro

Vista do claustro interno do Convento do Desterro em Salvador. Detalhe para campanário em forma de bulbo – Foto: <https://sanctuararia.art/2020/02/20/igreja-do-convento-de-santa-clara-do-desterro-salvador-bahia> - Acesso: Fevereiro/2020.

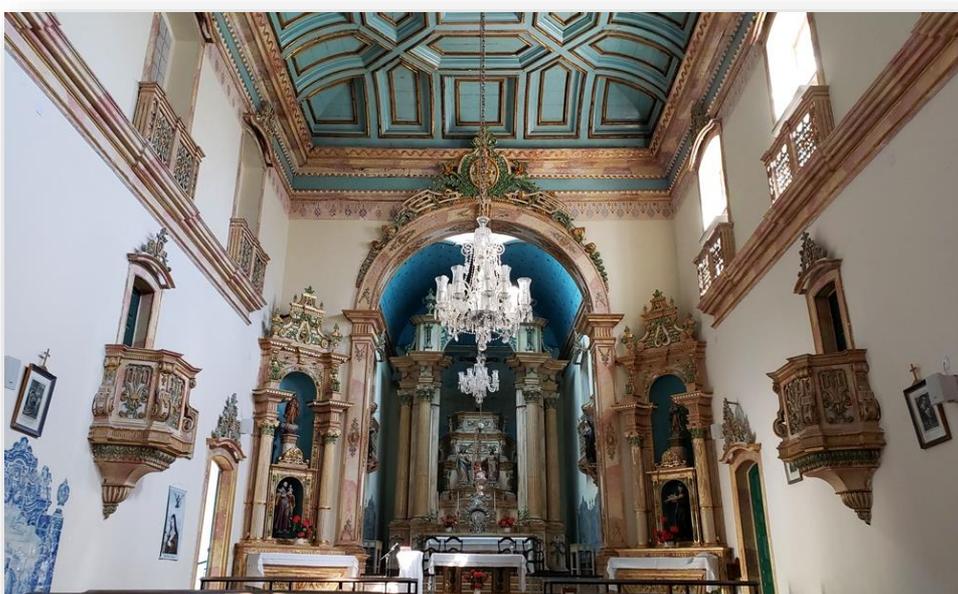


Figura 34 – Interior da Igreja do Convento do Desterro

Interior da igreja localizada ao lado esquerdo do claustro central; em estilo neoclássico, finalizada no século XIX - Foto: <https://sanctuararia.art/2020/02/20/igreja-do-convento-de-santa-clara-do-desterro-salvador-bahia> – Acesso: Fevereiro/2020.



Figura 35 – Igreja Santo Amaro de Itaparica – Catu

Fachada da igreja localizada na Ilha de Itaparica – Freguesia Denominada Santo Amaro do Catu. Edificação do século XVII – Foto: Sônia Leite – Fevereiro/2020.



Figura 36 – Matriz de Santo António do Sertão da Jacobina

Único registro fotográfico da antiga matriz do sertão da Jacobina. Foto dos arquivos do IBGE - IBGE | Cidades | Bahia | Campo Formoso | História & Fotos – Acesso: Dezembro/2020.



Figura 37 – Ruínas da Antiga Igreja de Santo António de Vila Nova

Ruínas abandonadas e não catalogadas da primeira matriz de Santo António de Vila Nova do Rio São Francisco – Fonte: Wanderlei Menezes – Abril/2011.



Figura 38 – Igreja Matriz de S. António de Villa Nova

Fachada atual da igreja matriz. Última modificação data de 1959. Foto: [matriz de Neópolis/Sergipe - Pesquisa Google](#) - Acesso: Novembro/2020.



Figura 39 – Imagem de Nossa Senhora da Piedade – Lagarto/SE.

Imagem em madeira, dourada e policromada; século XVII – Origem portuguesa. “Tamanho Natural”. Doação de Dom Gaspar Barata de Mendonça a Villa do Lagarto. Foto: Deydid Santana – Agosto/2012.

Siglas de Instituições

ACMS-LEV – Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador - Laboratório Eugênio Veiga (Salvador)
AHU – Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)
APEB – Arquivo Público do Estado da Bahia (Salvador)
AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra
BFVV – Biblioteca Francisco Vicente Vianna (Salvador)
BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
BNL – Biblioteca Nacional (Lisboa)
IANTT – Instituto Arquivos Nacionais – Torre do Tombo (Lisboa)
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
UCSAL – Universidade Católica de Salvador

Abreviaturas

cod. – Códice
col. – Coleção
cx. - Caixa
doc. Documento
ed. – Editora
fl. – Folha
m. – Maço
ms. – Manuscrito
nº - Número
p. – Página
proc. – Processo
vol. – Volume

Fontes Manuscritas

Arquivo da Universidade de Coimbra

- Matrículas, 1641 - 1646, Vol. 9, IV – 1ª D - 1-3-17.
- Actos e Graus, 1647 - 1650, Vol. 34, IV – 1ª D - 1-1-34.

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)

Conselho Ultramarino – Brasil:

- Bahia; Avulsos: caixa 2, doc. 202; 17 de julho de 1686; caixa 2, doc. 215, 28 de agosto de 1687.
- Bahia; Avulsos: Cx. 41\Doc. 3735; 24 de abril 1732; Cx. 57, doc. 4881 (1) 20 de setembro de 1736.
- Bahia; Coleção Luiza da Fonseca: caixa 23, doc. 2722 – 2723, 27 de maio de 1676; caixa 24, doc. 2901-2903. P. 03. Caixa 24 2839 – 2840; caixa 26, doc. 3104 – 3105, 13 de novembro de 1682, caixa 26, doc. 3109 – 3110; caixa 27, doc. 3353, 15 de junho de 1686; caixa 27, doc. 3366; caixa 27, doc. 3391, 4 de fevereiro de 1687; caixa 28, doc.3434, 11 de outubro de 1687; caixa 28, doc. 3418, 03 de agosto de 1687; caixa 28, doc. 3439, 13 de novembro de 1687.
- Sergipe (1619 – 1822): 022, Cx. 2\Doc. 195.

Fundação Pedro Calmon – Arquivo Público do Estado da Bahia (Salvador)

- Cartas Régias 1: 1648 – 1690. doc. 27/ 36/ 40/ 53/ 57/ 81.
- Documentos manuscritos “Avulsos” da Capitania da Bahia: 1604-1828. caixa. 01.
- Dossiês sobre Irmandades, Conventos, Igrejas e Pessoal Eclesiástico: 1498 – 1684. caixa. 604 – Ligados a misericórdia e privilégios.
- Dossiês sobre Irmandades, Conventos, Igrejas e Pessoal Eclesiástico: 1674 – 1699 – Convento de São Bento. caixa. 606 – Autos de posse: Bahia e Olinda.
- Dossiês sobre Irmandades, Conventos, Igrejas e Pessoal Eclesiástico: 1638 – 1817 – Santa Casa de Misericórdia da Bahia. Caixa. 604 – 01.
- Dossiês sobre Irmandades, Conventos, Igrejas e Pessoal Eclesiástico: 1638 – 1817 – Santa Casa de Misericórdia da Bahia. Caixa. 604 – 01 – António Luiz da Câmara Coutinho – Governador da Câmara 1690.

Instituto Arquivos Nacionais – Torre do Tombo (Lisboa)

- Livro de registos mistos, paróquia de Santa Marinha. 1609 – 1638. Microfilme nº 1129

SGU. doc. m0661.

- Convento Nossa Senhora da Caridade do Sardoal - 1633 – 1834. doc.PT/TT/CNSCSR

- Convento Nossa Senhora da Caridade do Sardoal - PT/TT/CNSCSR/004/0001

Ordem dos Frades Menores, Província da Soledade, Convento de Nossa Senhora da Caridade do Sardoal, mç. 1

- Convento Nossa Senhora da Caridade do Sardoal - PT/TT/CNSCSR/004/0002

Ordem dos Frades Menores, Província da Soledade, Convento de Nossa Senhora da Caridade do Sardoal, mç. 2

Fontes Impressas

ALMEIDA, Cândido Mendes de Direito *Civil e Eclesiástico Brasileiro Antigo e Moderno em suas Relações com o Direito Canónico*, Tomo I, Parte II, Rio de Janeiro, B. L. Garnier Livreiro Editor, 1866.

ALMEIDA, Eduardo de Castro e. *Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa. Vol I. Bahia. 1613-1762*. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional, 1913.

ARAÚJO, José de Sousa Pizarro de Memórias *Históricas do Rio de Janeiro*, Tomo IV, Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1822, p. 62.

JABOATÃO, António de Santa Maria. *Novo orbe seráfico brasílico ou Crônica dos frades menores da província do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiniano Gomes Ribeiro, 1858.

PITTA, Sebastião da Rocha. *História da America Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos, do seu descobrimento, até de mil e setecentos e vinte e quatro*. Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730.

SOUSA, D. António Caetano de, *Catalogo dos Arcebispos da Bahia e mais Bispos seus Suffraganeos*, in AAVV, *Colecção de Documentos, Estatutos e Memórias da Academia Real da História Portugueza*, Tomo I, Lisboa, Officina de Paschoal da Sylva, 1721, N° 1.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. Torres Vedras: Officina Miguel Rodrigues, 1765.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. Lisboa Occidental. Officina Pascoal da Sylva, 1719.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Catálogo dos Bispos que teve o Brasil até o anno de 1676, em que a Cathedral da Bahia foi elevada a metropolitana, e dos arcebispos que nela tem havido, com as notícias que de uns e outros pode descobrir o Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Quinto Arcebispo da Bahia, do Conselho de Sua Majestade*. Biblioteca Nacional de Lisboa.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *História da vida e morte da Madre Soror Victoria da Encarnação - Religiosa professa no convento de Santa Clara do Desterro da cidade da Bahia*. Estamparia de Joaquim Francisco das Chagas. Roma, 1720.

Bibliografia

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul – séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*, Vol. II, Porto, Portucalense Ed., 1967. (1ª ed. 1910-1921)
- ARAÚJO, José de Sousa Pizarro de. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro, Tomo IV*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1822.
- AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia, 1551-2001*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *A Instituição Eclesiástica Durante a Primeira Época Colonial*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *A Teologia Católica na Formação da Sociedade Colonial Brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008. pp. 54-55
- BAPTISTA, Manoel José de Oliveira. *Uma Glória do Sardoal Antigo – D. Gaspar Barata de Mendonça*. Sardoal: Boletim Cultural Atrium – Nº 12, 1988.
- BARBOSA, Mons. Manuel de Aquino. *A Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro, 1945.
- BARLEUS, Gaspar. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc.* 2 Ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.
- BEZERRA, Feltre. *Etnias Sergipanas*. 2 ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 1984.
- BÍBLIA, A.T. Daniel. In BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada – Edição Pastoral*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990
- BONFIM, Manuel. *A América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.
- _____. *O Brasil Nação: Realidade da soberania Brasileira*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 2006.
- BOXER, Charles R. *O Império Marítimo Português: 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *O império colonial português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. / John Bury; organizadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. Brasília, DF: IPHAN/Monumenta, 2006.
- CÂMARA, D. Jaime de Barros. *Apontamentos de História Eclesiástica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1945.

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e Judeus*. São Paulo: Global Editora, 2001.
- Catálogo 500 Anos de Arte – Santa Casa da Misericórdia*. Sardoal: Prova de Cor, Câmara Municipal de Sardoal, 2010.
- Catálogo da exposição: Histórica Cartographica Brasilis in Biblioteca Nacional. Tesouros dos séculos XV ao XX*. Fundação Biblioteca Nacional, 2015.
- CARVALHO, V. S. *Vila de Santo Antônio de Itabaiana*. Itabaiana, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel / Bertrand, 1990.
- CHESTERTON, G.K. *Santo Tomás de Aquino: biografia*. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Ltr, 2003.
- COELHO, Teresa Campos. *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 2018.
- CORTESÃO, J. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil*. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DANTAS, Pedriane Barbosa de Souza. *Pelos Caminhos d'água, pelas rugosidades da terra: A construção territorial de Sergipe d'El Rey*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
- DIAS, José Sebastião da Silva. *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (Séc. 16-18)*. Coimbra, 1960.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem*. Editora 34. São Paulo, 2013.
- DUARTE, Nestor. *A ordem privada e a organização política nacional*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. *O Concílio de Trento e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: "programa" da arte sacra no Brasil*. In: HERNÁNDEZ, M.H.O., and LINS, E.Á., eds. *Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016.
- FRAGOSO, João; Almeida, Carla Maria Carvalho de; Sampaio, Antonio Carlos Jucá de (org.) *Conquistadores e Negociantes. História de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *Igrejas e Conventos da Bahia* / Maria Helena Ochi Flexor. Brasília, DF: IPHAN/Monumenta, 2010.

FREYRE, Gilberto. *O Mundo que o Português Criou. Aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1940.

_____. *O Luso e o Trópico*. Lisboa: Comissão Executiva das comemorações do V centenário da morte do Infante D. Henrique, 1961.

GONÇALVES, Luis Manuel. *Sardoal do Passado ao Presente – Alguns Subsídios para sua Monografia*. Sardoal: Câmara Municipal do Sardoal, 1992.

HASKELL, Francis. *Mecenas e Pintores: Arte e Sociedade na Itália barroca*. Ed.USP, 1997.

HESPANHA, António Manuel. O Poder Eclesiástico: aspectos institucionais. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. v. 4: O Antigo Regime (1620-1807). Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *As Vésperas do Leviathan: instituições e poder político. Portugal, século XVII*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira - Tomo I - A Época Colonial - Vol. II – 6º ed.* São Paulo, Bertrand Brasil.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

_____. *A igreja no Brasil - Colônia (1500 – 1800)*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 2º Edição, 1984.

_____. *História da Igreja no Brasil – Tomo II*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

KRIEGER, D. Murilo Sebastião Ramos. *Documentos de fundação e outros registros da Arquidiocese de São Salvador da Bahia – Sede Primacial do Brasil*. Salvador: Editora UCSalpress; Universidade Católica do Salvador, 2019.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *A civilização imperfeita: topicos em torno da remodelação urbana de Salvador e outras cenas de civilidade, 1912 – 1916*. Estudos ibero americanos. PUCRS, v. XXIV, 1, p. 95 – 129, 1998.

LIMA, J.I. de Abreu. *Compendio da história do Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Laemmert, 1843.

LIMA, Matheus Silveira. *Portugal e o Iberismo no pensamento brasileiro*. Vit. da Conquista: Edições UESB, 2014.

LIMA, Maurilio Cesar de. *Breve história da Igreja no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LUSTOSA, Frei Oscar de Figueiredo. *A presença da Igreja no Brasil*. Ed. Giro, São Paulo, 1977.

MAGALHÃES, Mons. Walter. *Pastores da Bahia 450 anos 1551 a 2001*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2001.

MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. *Índice chronologico dos factos mais notáveis da história do Brasil desde seu descobrimento em 1500 até 1849*. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1850.

MARCOCCI, Giuseppe – *A consciência de um império. Portugal e seu mundo (sécs. XV-XVII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

MARX, Murillo. *Cidade no Brasil, Terra de Quem?* São Paulo: Nobel, Editora da USP, 1991.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. São Paulo: Paulinas, 2003.

MENDES, Ediana Ferreira. *Da Universidade de Coimbra ao Brasil: os bispos da Baía, de Olinda e do Rio de Janeiro (1676 – 1773)*. Universidade de Coimbra, 2018.

MICELI, Sérgio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MOLEIRINHO, Fernando C. *A Santa Casa de Misericórdia do Sardoal – A instituição e sua 99tividade*. Sardoal: Câmara Municipal do Sardoal, 2000.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. *O Rei no Espelho: A Monarquia Portuguesa e a Colonização da América. 1640 – 1720*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2002.

MULLER, Cristiano. *Memória Histórica sobre a Região da Bahia: 1823 – 1923*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Patriarcado e religião: As enclausuradas Clarissas do Convento do Desterro da Bahia*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1994.

NEVES, Guilherme Pereira das. *Padroado*. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. P. 466-467

NUNES, Verônica Maria Menezes. *Cultura material e território eclesiástico: Uma leitura zooiconográfica em igrejas coloniais de Sergipe Del Rei entre os séculos XVII – XVIII*. Tese de doutoramento. UFSE – Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras, 2018.

OLIVEIRA, Miguel de. *História Eclesiástica de Portugal*. Lisboa: União Gráfica, 1958.

OLIVEIRA, Oscar de. *Os Dízimos Eclesiásticos do Brasil nos Períodos da Colônia e do Império*. Belo Horizonte: UFMG, 1964.

PAIVA, José Pedro. *Os Bispos de Portugal e do Império (1495 – 1777)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

_____. Os bispos do Brasil e a formação da sociedade colonial (1551-1706), *Textos de História. Revista da pós-graduação em História da UNB*, vol. 14, nos 1/2, 2006.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. Salvador: UFBA, 1973.

PEDRO, Livia – *A cabeça do Brasil: a cidade do Salvador e os caminhos da capitalidade na Bahia (1481-1808)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017 (dissertação de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História).

PINTO, Estevão. *Os Índigenas do Nordeste*. São Paulo, 1945.

PEREIRA, José Fernandes. *A Acção Artística do Primeiro Patriarca de Lisboa*. Lisboa: Químera, 1991.

PIRES, Heliodoro. *Os Construtores da História Eclesiástica no Brasil*. Revista Eclesiástica Brasileira. 1943. 79 – 95.

PIRES, Heliodoro. *Temas de História Eclesiástica do Brasil*. São Paulo, 1946.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1961.

PUETTER, Frei Pancrácio. *As Primeiras Filhas de S. Clara no Brasil*. Bahia, 1954.

ROLO, Raul Almeida. *O Bispo e a sua Missão Pastoral: Segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Porto: Movimento Bartolomeano, 1964.

RUBERT, Arlindo. *A Igreja no Brasil. Expansão Missionária e Hierárquica (Século XVII)* Vol. II. Santa Maria, RS: Ed. Pallotti, 1981-1993.

_____. *A Igreja no Brasil. Expansão Missionária e Hierárquica (Século XVI)* Vol. I. Santa Maria, RS: Ed. Pallotti, 1981-1993.

_____. *O Clero Baiano no Sul do Brasil*. Revista Eclesiástica Brasileira. 1956. 609.

SANTOS, Lívia Nunes dos; ROCHA, Julimar Santiago. *A Importância da Transparência para o Fortalecimento da Gestão Pública Democrática*. Id on Line Rev.Mult. Psic., 2019, vol.13, n.44, p. 892-904.

SANTOS, Maria Nele dos. *A vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)*. Dissertação (mestrado)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1984.

SALGADO, Graça (Coord.). *Fiscais e meirinhos: A administração no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil, 1627*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1965.
SCHAUB, Jean-Frédéric. *Portugal na monarquia hispânica (1580-1640)*. Lisboa: Horizonte, 2001.

SCHWARTZ, Stuart – *Burocracia e Sociedade no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos. *Inventário Artístico de Portugal - 3º Vol. - Aveiro, Beja, Coimbra, Évora, Leiria, Portalegre, Porto e Santarém*. Lisboa, 2000.

SERRÃO, Vítor. *A Trans-Memória das Imagens. Estudos iconológicos de pintura portuguesa*. Lisboa: Cosmos, 2007.

_____. *André Reinoso (c. 1590-pós 1650), um «pintor de fama» para a fama de São Francisco Xavier*. In: *Missão, Espiritualidade e Arte em São Francisco Xavier. Textos do encontro científico pela ocasião dos 400 anos da beatificação de São Francisco Xavier, ocorrida a 25 de outubro de 1619, pelo Papa Paulo V e do ciclo pictórico da sacristia da igreja de São Roque, da autoria de André Reinoso*. Edições Santa Casa de Misericórdia, Lisboa, 2020. p. 50-91.

_____. *História da Arte em Portugal: O Maneirismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

_____. *Impactos do Concílio de Trento Na Arte Portuguesa Entre o Maneirismo e o Barroco (1563 – 1750)*. Actas do Seminário no âmbito das comemorações dos 450 anos sobre a clausura do Concílio de Trento, 1563-2013 – Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2012.

_____. *A atividade artística de António de Oliveira Bernardes na igreja da Conceição da Luz: Um exemplo de Cripto-História de Arte*. In: FLOR, Susana Varela. *A herança de Santos Simões - Novas perspectivas para o estudo da Azulejaria e da Cerâmica*. Edições Colibri, Lisboa, 2014. p. 459-474.

_____. *A Pintura Maneirista em Portugal*. Biblioteca Breve, Série Artes Visuais, 1991.

_____. *Iconoclastia e Cripto-História da Arte: Casos de Estudos e Acertos Teóricos – Metodológicos no Património Artístico Português*. ARTis ON, n. 5 (Janeiro), 8-24, 2018.

_____. *Mecenas e coleções em Portugal na Idade Moderna: dos Castro da Penha Verde aos Basto de Évora, e uma encomenda em Pernambuco», Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX*. Perfis e trânsitos, coord. Maria João NETO e Marize MALTA, Lisboa, ed. Caleidoscópio, 2014, p. 22-48.

SILVA, Cândido da Costa e. *Notícia do Arcebispado de São Salvador da Bahia*. Salvador: Fundação Gregório de Matos, 2001.

_____. *Os Segadores e a Messe: O Clero Oitocentista na Bahia*. Salvador: EDUFBA., 2000.

SILVA, João Manoel Pereira da. *Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Paris: Imprensa de Henrique Plon, 1858.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. *Bahia a Corte da América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

SILVA, Severino Vicente da. *Uma Leitura de Paróquia e Comunidade no Brasil – Perspectiva Histórica – Fernando Londoño (org.)*. São Paulo, 1987. In: CLIO – Revista do PPGH da UFPE. Nº 17. Recife, UFPE, 1998. p. 151.

SMITH, Robert. *As Artes na Bahia: Arquitetura Colonial*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1954.

_____. Robert Smith e o Brasil. *Arquitetura e Urbanismo – Vol. I. Parte 2. Org. Nestor Goulart Reis Filho*. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

SOUZA, Afonso Ruy de. *Pequeno Guia das Igrejas da Bahia*. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1949.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil*. São Paulo: Ed. São Paulo, 1971.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das Idéias Religiosas no Brasil*. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1968.

TREVOR – ROPER, Hugh. *A Crise no Século XVII. Religião, a Reforma e Mudança Social*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Petrópolis: Vozes, 1986.

VALENTE, Francisco. *As Bandeiras e Painéis da Misericórdia de Sardoal*. Sardoal: Câmara Municipal do Sardoal, 2002.

VALE, Teresa Leonor M. Da Igreja Combatente a Igreja Triunfante: Espaço e imagem religiosa do concílio de Trento ao barroco pleno. *Revista Brotéria*, vol. 157, 327-242. Lisboa, 2003.

_____. *Tumulária Portuguesa - Do Maneirismo e do Barroco. Surgimento, definição e difusão de tipologias morfológicas e programas iconográficos*.

Projecto de investigação realizado no âmbito de uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2004-2007.

VAZ PACHECO, Maria Emília. (introdução e notas) e António MONTEIRO (transcrição). *Livro da Fazenda de Tristão Nunes Infante (1692)*, Santarém, ed. Norberto Infante Pedroso, 2013, p. 178-179.

VIANNA, Hélio. *História do Brasil: Período colonial e monarquia*, Vol. II, 10º ed. Edições Melhoramentos, 1972.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia de Antônio Louzada Antunes, 1853.

VIEIRA, António. *Carta ânua do Brasil, ao Padre Geral da Companhia de Jesus, da Bahia, 30 de setembro de 1626*, in *Anais da Biblioteca Nacional*, 19 (1897), 177-217.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *História da questão religiosa*. Livraria Francisco Alves editora, Rio de Janeiro, 1974

Fontes *On-Line*

- SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Disponível em: DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt). Acesso em 10 - dezembro -2020.
- SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Disponível em: DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt). Acesso em 12 - dezembro -2020.
- SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico – Disponível em: DGPC | Pesquisa Geral (patrimoniocultural.gov.pt). Acesso em 15 - dezembro -2020.
- <http://www.Sardoal.com> com Memória (sardoalmemoria.net). Acesso em 07 de dezembro 2020.
- http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3363. Acesso em 22 de dezembro 2020
- http://www.paroquiadesaopedro.org/index_arquivos/Page1100.htm. Acesso em 03 de novembro 2020.
- http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1107 (registro do tombamento). Acesso em 18 novembro 2020.
- <http://memoria.bn.br/DocReader/130605/3024>. Cód.: TRB00109.0170. Coleção digital de jornais e revistas da Fundação Biblioteca Nacional. Acesso em 26 de dezembro 2021.
- <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/neopolis.pdf>. Acesso em 18 dezembro 2020.
- <https://doi.org/https://doi.org/10.37935/aion.v0i5.130>. Acesso em 13 de março de 2021.